

Quem Está Impedindo o Armistício na Coreia

(LEIA NA 2ª PÁGINA)

Comentário Nacional

MAIS AÇÃO E VIGILÂNCIA EM DEFESA DA VIDA DE NOSSA JUVENTUDE

A NOITE, órgão oficial do governo, divulgou esta semana o seguinte telegrama de São Luiz do Maranhão: «Parte da praia de Olhos d'Água será interditada ao público, hoje e amanhã, em virtude de exercícios de tiro real com as armas modernas empregadas na guerra da Coreia. Deve participar dessas demonstrações práticas OFICIAIS DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO e de nossa guarnição federal. Não foi permitida a presença de jornalistas no local».

Desde alguns dias esses exercícios estão sendo realizados, sob a direção de oficiais lanques no norte do país. Os primeiros foram efetuados no interior do Amazonas. «Tanto as armas como a munição, informa «A NOITE», foram cedidas pelo Exército dos EEUU ao Exército brasileiro para esse TREINAMENTO EXPERIMENTAL».

Este fato é uma advertência. Põe a descoberto os intentos preparativos do governo de Getúlio e dos generais do dólar para o envio de nossas soldados à guerra imperialista contra o heróico povo coreano.

Na sua resposta ao pedido da ONU para que tropas brasileiras ataquem a agressão japonesa na Coreia, Getúlio, vacilando em obedecer as ordens do país, diante dos protestos unânimes da nação, dizia que, no momento, o Brasil não dispunha de tropas suficientemente adestradas para a guerra no exterior. Mas se comprometia em prepará-las para fornecê-las ainda em tempo útil. E o que se pode ver é que esses preparativos se realizam febrilmente e sob o comando dos próprios oficiais de Truman, que adextram nossos soldados a maior das armas agressoras que são empregadas na Coreia. De há muito se sabe que, no caso de um embarque de tropas para o exterior, o governo pretende fazê-lo através do Norte e do Nordeste aproveitando os contingentes ali sediados ou para ali transferidos. E é justamente no Norte do país que os oficiais americanos realizam esses treinamentos experimentais de nossas tropas com as armas que empregam na guerra da Coreia.

Esta é uma parte das criminosas manobras de Vargas para entregar ao bando de Truman o sangue de nossa juventude. A outra parte são os preparativos para enviar à Coreia nossos marujos que, há mais de seis meses, foram aos Estados Unidos buscar os cruzadores «Barroso» e «Tamandaré», comprados aos americanos. A injustificada demora desses marinheiros nos Estados Unidos, o fato de que juntamente com eles, para constituir a equipagem dos navios, seguiu um contingente de fuzileiros navais e, finalmente, o silêncio que tem guardado o governo sobre o destino que tomarão o «Barroso» e o «Tamandaré» têm levantado a fundada suspeita de que Getúlio pretende enviá-los para a Coreia.

Hoje, essas suspeitas tornam-se uma certeza diante de novas fotos. Há dias, pressionado pelo clamor das mães e parentes dos marujos, pelos protestos da imprensa democrática, o Ministro da Marinha viu-se obrigado a distribuir uma nota aos jornais procurando explicar a demora no regresso das tripulações do «Barroso» e do «Tamandaré». E que dizia? Dizia que a demora se devia ao atraso na reparação dos dois cruzadores nos estaleiros de Filadélfia. Mas outra coisa informavam as agências telegráficas norte-americanas ao noticiar a entrega à Marinha brasileira do cruzador «Barroso» a 21 do corrente. Os marujos ficaram todo este tempo nos Estados Unidos submetidos a um intenso treinamento pelos oficiais da marinha norte-americana. E ficaram lá submetidos aos mesmos deveres dos marinheiros norte-americanos, inclusive a de dar sangue para os feridos lanques da Coreia. (Conclui na pág. 11)

VOZ OPERÁRIA

QUE REGRESSEM OS NOSSOS MARUJOS!

1 — TRANSFORMEMOS EM AÇÃO E LUTA A DOR DAS MÃES, NOIVAS E ESPOSAS, AGORA QUE 1.200 MARUJOS FORAM ENVIADOS A NORFOLK, POSSÍVEL ESCALA PARA A COREIA. 2 — TODAS AS FORMAS DE PROTESTO, POR ISSO, DEVEM SER LEVADAS A EFEITO NA JORNADA PELO REGRESSO DOS MARINHEIROS, QUE CULMINA NO PRÓXIMO DIA 28

É MUITO maior agora a ameaça que pesa sobre nossos dois mil marinheiros de serem mandados para morrer como gado de corte na Coreia.

Cada dia os fatos confirmam as denúncias que o Ministério da Marinha desmente, dentro da técnica fascista americana de arrastar em silêncio nossa juventude para a guerra. Assim no caso do grumete Durval Santos Lima, cuja existência o ministro Guillobel negou em nota oficial e que dias depois era encontrado no Hospital Central da Armada, magro e matriplado jogado num quarto forte. Durval pertencia à tripulação do «Tamandaré» e ameaçado de ir para a Coreia, foi preso em Filadélfia, e na prisão perdeu as faculdades mentais.

É grande o número de soldados e marinheiros das tropas agressoras que enlouquecem no inferno da Coreia. E o número das baixas é sonogado e escondido, como confesou o próprio criminoso de guerra Mac Arthur, depois de ser demitido. E isto que Getúlio e Guillobel querem para os nos os marinheiros.

No dia 21 com uma tripulação de guerra completa e armado em guerra zarparam de Filadélfia o cruzador «Barroso», um dos navios comprados com dinheiro brasileiro aos americanos para combater pelos americanos. Seu destino oficial é a base inglesa de Norfolk. Mas por que Norfolk e raramente ocupada pelos americanos, e não o Brasil? Porque não só o «Barroso», como o «Tamandaré» têm fuzileiros a bordo? E que se ultimam os preparativos para enviar nossos marujos para a Coreia, assim como já acontece com os colombianos. Por isso as agremiações já correm nos lares brasileiros. E será lutando pela volta de nossos marinheiros, que o luto e a dor não entrarão por essas lares.

DEMONSTRAÇÕES EXPRESSIVAS

No Ceará, na Bahia, no Estado do Rio, no Distrito Federal, milhares de mães estão justamente agremiadas. Nesses Estados onde se situam Escolas de Aprendizagem Marinheiros e que fornecem por isso grande número de marinheiros para a nossa Armada, já se suc-

dem os protestos. Mães e noivas falam à imprensa teocrática «Quero meu filho de volta» é a frase que rebenta dos corações maternos. Esse grito sentido, que encontra ressonância em mil-

tregraram na Câmara dos Deputados a significativa e enérgica mensagem em que exigem o regresso dos marujos brasileiros.

Esse movimento ganha intensidade porque estão em

vo que ama a paz
AS MANIFESTAÇÕES DO DIA 28

Para canalizar e dirigir esses protestos é que foi instituída a Jornada Pelo Regresso dos Marinheiros, que culminará com as manifestações do próximo dia 28 de agosto.

A essa Jornada aderem personalidades e organizações democráticas. Traçando o sentimento das mães cariocas, a Associação Feminina do Distrito Federal apoia tão justas demonstrações. Os vereadores Índio do Brasil, Paes Leme, Mécimo Silva, Odilon F. Braga e outros manifestaram o pleito protesto e pelo regresso dos marinheiros. Comícios-relâmpagos devem realizar-se nestes dias a fim de levar ao conhecimento de todo o nosso povo a ameaça que pesa sobre seus filhos e irmãos. Volantes devem ser arcos, jornais curats e inscrições reativos à volta dos marinheiros devem ser feitos. Todas as formas de protesto possíveis, desde as cartas telegramas ao governo até as greves devem ser levadas a efeito para exprimir nossa exigência enérgica.

Será desta maneira, que impediremos pela ação e a luta que nos os marinheiros sejam enviados para morrer na Coreia como trambam com os americanos e logo passamos aos fatos os agentes da infame guerra lanque, Getúlio João Neves Cois, Guillobel e outros.

Que o protesto de todos se erga por todo o país, forçando a voltar a às as assassinos de nossa juventude!



lhares de outros corações, multiplica-se por todo o país.

Na Estrada da Liberdade, na capital bahiana realizou-se um comício e um concorrido desfile em que as famílias dos marinheiros e populares exigiam o regresso dos nossos marujos. 2.000 marujos do Distrito Federal en-

jogo a alegria e a felicidade de milhares de lares ameaçados da orfandade e do luto. A dor terrível das mães, noivas, irmãs e esposas tranformar-se-á numa corrente de protestos capaz de fazer retroceder Getúlio, Guillobel e outros empreiteiros da morte para nosso po-

PELO ARMISTÍCIO NA COREIA E POR UM PACTO DE PAZ

APÊLO DO MOVIMENTO BRASILEIRO DOS PARTIDÁRIOS DA PAZ

ASSINADA pelo ex-senador Abel Chermont, Presidente do M.B.P.P., e pela eminente educadora Branca Fialho, membro do Conselho Mundial da Paz, foi aprovada a seguinte resolução pela diretoria do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz na sua última reunião:

«A Diretoria do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, reunida nos dias 10

e 11 de agosto, no Distrito Federal dirige-se a todos aqueles que reconhecem que a Paz está em perigo e que é necessário defendê-la.

Solida e apoia as recentes resoluções do Birmo do Conselho Mundial da Paz.

Que nos dizem essa resolução? Um ano de combate na Coreia testemunha que foram vãos os intentos de resolver os conflitos inter-

(Conclui na pág. 11)

Política Mundial

Quem sabota a colaboração?

Temos diante dos olhos mais uma prova concreta da hipocrisia das afirmações de Truman sobre os desejos de colaboração e relações amistosas com a União Soviética: O governo norte-americano cancelou, unilateralmente, o acordo comercial concluído com o governo soviético em 1937.

Desde então, até 1942, o acordo em apreço era renovado cada ano. Por solicitação do governo de Washington, a partir de 1942 o acordo permaneceria em vigor sem necessidade de prorrogação anual. Agora, abruptamente, o governo americano o considera anulado.

Este fato constitui uma ação hostil à URSS e está em contradição com a mensagem de Truman, e a resolução de 7 de julho do Congresso dos Estados Unidos, enviados ao governo soviético. Vem juntar-se à série de medidas tendentes a tornar cada vez mais tensas as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética, as quais foram mencionadas pelo presidente Chervnik na sua resposta a Truman e ao Congresso, a 6 do corrente.

No entanto, a resolução do Senado e a Câmara dos Estados Unidos afirma que o povo norte-americano clama profundamente a existência das barreiras artificiais que o separam do povo da URSS.

Mas, quem cria essas barreiras artificiais senão o governo norte-americano?

Pode-se dar crédito à sinceridade das palavras de Truman quando o chefe do governo americano fala na aspiração de melhorar as relações americano-soviéticas?

O cancelamento de acordos comerciais, as proibições impostas pelos E. Unidos aos países desarmados da Europa quanto a relações comerciais com a URSS e as Democracias Populares não são fatores de paz e de colaboração pacífica entre os povos. Ao contrário, são medidas agressivas, contrárias a todas as normas de boas relações internacionais.

Por que os Estados Unidos adotam tais medidas?

Porque pretendem ridiculamente isolar a União Soviética e as Democracias Populares, acreditando que assim prejudicam o gigantesco desenvolvimento econômico dos países do campo socialista e o bem-estar de seus povos.

Na realidade, o único resultado é agravar a situação internacional, porquanto se tornam cada vez mais profundas as divergências entre as principais potências mundiais e, em consequência, muito mais grave o perigo de uma nova guerra.

A quem cabe a responsabilidade por esta situação? Ao governo dos Estados Unidos, cujos dirigentes agem de acordo com os interesses imediatos dos grupos imperialistas, os únicos interessados numa nova conflagração mundial.

No entanto, a experiência das expansionistas americanas na Coreia desaconselha tal aventura, que, sem a menor dúvida, longe de salvar o imperialismo, como sonham os lunáticos da Casa Branca, precipitará seu fim, será a sua derrocada completa e irremediável.

Os povos querem paz. E sabem, por experiência histórica, que as discriminações odiosas como essa que o governo de Washington acaba de ditar contra a União Soviética diminuem as possibilidades de paz. Estas só se tornarão efetivas no dia em que as declarações verbais de Truman e do Congresso dos Estados Unidos estiverem de acordo com seus atos: em vez de novas verbas para armamentos, em vez da construção de novas bases americanas na Itália e na Espanha, em vez de alianças guerreiras como o Pacto do Atlântico e de rearmamento da Alemanha e do Japão, a aceitação pelos Estados Unidos da proposta da União Soviética para o entabulamento de conversações objetivando um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, aberto a todos os demais países.

isto o que reclamam os povos, que não desejam ver-se envolvidos numa sangueira universal e que, por isso, tomam cada vez mais firmemente em suas mãos a causa da paz, decididos a defendê-la até o fim, desmascarando as manobras de todas as forças interessadas na guerra.

Este é o desejo também do povo brasileiro, que almeja ardentemente boas relações com a URSS e as Democracias Populares, inclusive para libertar-se do monopólio que os trustes norte-americanos exercem de forma absoluta sobre os nossos produtos de exportação, ditando-lhes o preço e impedindo que encontremos mercados muito mais vantajosos, em igualdade de condições e não, sujeitos a imposições leoninas como as que nos ditam os Estados Unidos, tratando-nos como simples país colonial.

Quem Está Impedindo O Armistício na Coreia?

nos 4 cantos do mundo

PRESSIONADOS pela opinião pública mundial, os governantes norte-americanos foram obrigados a aceitar a sugestão da URSS para negociar um armistício na Coreia, como primeiro passo para restabelecer a paz naquele país asiático. Não restava outra saída para os guerreiros de Truman. As palavras de Málik em junho deste ano tiveram a mais profunda repercussão entre as tropas norte-americanas que se encontravam em solo coreano. «Os soldados norte-americanos não querem lutar na Coreia», dizia um despacho de Nova York em seguida à proposta de Málik, a qual se espalhou com rapidez sobrenatural por todo o exército norte-americano na Coreia, até nas próprias linhas de frentes. Acrescentava o despacho: «Os soldados estão cheios de grandes esperanças de que cesse a guerra». Imediatamente, verificaram-se comoventes cenas de confraternização de combatentes de um e outro lado nas trincheiras coreanas.

Só os generais e os diplomatas totalitários de Truman manobravam adiando as conversações. Estes, finalmente, capitularam e propuseram o estabelecimento de negociações aos comandantes do Exército Popular Coreano e dos voluntários chineses.

Pretendendo inicialmente realizar a conferência de armistício a bordo de um navio de guerra dos Estados Unidos, os comandantes intervencionistas ianques foram obrigados a aceitar que as conversações tivessem lugar no próprio território da Coreia, cujas cidades, vilas, aldeias, fábricas e campos cultivados tinha sido minuciosamente arrasados pelos invasores ianques e seus sequazes. Kaesong, na Coreia do Sul, abaixo do Paralelo 38, foi o local proposto pelo comando do Exército Popular Coreano e dos voluntários chineses e aceite pelos agressores.

A conferência de armistício de Kaesong teve início a 10 de julho. Representando o Exército Popular Coreano: general Nam Il; representante dos voluntários chineses: general Pen Teh-Hual. O chefe da delegação militar norte-americana: vice-almirante Turner Joy.

A Proposta Coreana

NO MESMO dia do início da conferência, e chefe da delegação coreana, general Nam Il, apresentava as seguintes propostas para o armistício:

- 1.º — Estabelecimento de uma zona desmilitarizada que se estenda 10 quilômetros ao norte e ao sul do Paralelo 38.
- 2.º — Manutenção do Paralelo 38 como fronteira entre os dois exércitos hostis.
- 3.º — Manutenção do «status quo» existente no dia da agressão contra a Coreia do Norte pelos fantoches de Singman Ri a 25 de junho de 1950.
- 4.º — Troca de prisioneiros de guerra.

Insinceridade Ianque

LOGO no segundo dia das conversações, os delegados norte-americanos procuraram um pretexto para levá-las ao fracasso. Reclamaram a presença de jornalistas americanos e até colaboracionistas japoneses na conferência, com o objetivo único do sensacionalismo, porquanto nada havia sido resolvido ainda digno de ser amplamente noticiado. Os americanos chegaram ao cúmulo de suspender as conversações, numa demonstração evidente de que não levavam a sério a urgência do armistício, pois combatentes continuavam a morrer na frente de batalha e prosseguiam os selvagens bombardeios terroristas contra as populações civis da Coreia.

Desde o começo, estava evidente o desejo dos intervencionistas de prolongarem indefi-

nidamente as conversações, sob pretextos os mais ridículos.

Isto apesar do anseio de paz dos próprios soldados americanos, anseios que levavam um oficial ianque a declarar a um correspondente na Coreia: «O primeiro congressista norte-americano que pediu a mobilização depois do armistício na Coreia devia ser fuzilado».

Outro incidente surgiria logo em seguida, provocado pelos americanos, sob a alegação de que a zona de Kaesong não estava «desmilitarizada». Nova retirada americana das conversações de armistício.

Porque o Paralelo 38

NOS ÚLTIMOS dias de julho os americanos rejeitaram a proposta de Nam Il para fixação da linha de demarcação da zona desmilitarizada ao longo do Paralelo 38. Os representantes dos agressores norte-americanos alegam que suas tropas se encontram em posições ao norte do referido Paralelo.

Mas, argumentos decisivos destroem completamente a pretensão americana como descabida.

- 1.º — O Paralelo 38 era a linha de demarcação entre a República Democrática Popular da Coreia e a Coreia do Sul até 25 de junho de 1950, quando foi violado pelas tropas de Singman Ri, que desencadearam as hostilidades por ordem do governo dos Estados Unidos.
- 2.º — Foi justamente porque as forças de invasão norte-americanas atravessaram o Paralelo 38 que os voluntários chineses, vindo ameaçados as fronteiras de seu país, entraram na Coreia para ajudar o povo coreano em sua luta de libertação nacional.
- 3.º — A proposta de Málik, a 23 de junho, foi clara: retirada mútua das tropas do paralelo 38. Foi nesta base que tiveram início as negociações de Kaesong.
- 4.º — Os norte-americanos não podem argumentar com a invencibilidade de suas posições atuais acima do Paralelo 38. De posições muito mais avançadas eles foram expulsos, até o sul do Paralelo, no fim do ano passado.
- 5.º — O Exército Popular Coreano ocupa posições importantes ao sul do paralelo 38, inclusive a região de Kaesong, onde se realizam as conferências de armistício, numa extensão territorial mais ou menos igual à ocupada pelos americanos na parte norte-leste.

Além disso, os próprios generais americanos já advogaram o Paralelo 38 como linha de cessação de fogo, entre eles Marshall, Ridgway e Cellin.

Pela Paz na Coreia e no Mundo

OS POVOS exigem a solução pacífica do conflito coreano e, mais do que isto, conversações, como as que estão sendo possíveis em Kaesong — difíceis mas indispensáveis — para resolver pacificamente todos os problemas internacionais e afastar o grave perigo de uma nova guerra mundial que pesa sobre a humanidade. Isto é perfeitamente realizável através da conclusão de um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências, desde que pelo menos duas destas potências, a União Soviética e a República Popular da China, demonstrem sua determinação de concluir este Pacto, dependendo unicamente do governo dos Estados Unidos dar o passo que pode salvar o mundo de uma catástrofe e da ruína mais terrível.

UMA CLARA ADVERTÊNCIA AOS PROVOCADORES

(Conclusão da 12.ª página) ordens ianques eram perseguir e atemorizar os jovens para que não comparecessem ao Festival. Mas, da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, da América Latina, da Ásia e da África chegaram a Berlim centenas de delegados passando por cima do terror nazi-ianque.

Que poderia demonstrar mais claramente a inquebrantável vontade de paz da juventude de que estas vi-

tórias alcançadas sobre o terror internacionalmente organizado pelos agressores ianques contra as delegações ao Festival?

103 BRASILEIROS

E lá estavam entre estes dois milhões de jovens, os representantes do Brasil: operários e estudantes, moços e moças de diversos Estados, 103 jovens partidários da paz. No convívio fraterno com os jovens dos demais países, nos desfiles maravilhosos na Praça Marx e

Engels, nas praças onde a juventude dançava e cantava, nas praças de esportes, nos teatros, nos cinemas, nas exposições de arte, em todas as solenidades do Festival, os jovens brasileiros também afirmaram, através de sua numerosa delegação, que não curvarão a cabeça à canção ianque nem marcharão como gado de corte para a mancha imperialista na Coreia ou em qualquer outra parte.

U.S.S.R.

O governo soviético protestou contra o ato agressivo dos governantes americanos, que cancelaram o tratado de comércio soviético-americano datado de 1937.

COREIA

Aviões norte-americanos lançaram bombas de gases sobre posições norte-coreanas a 1 e 7 de agosto. Oito soldados morreram em consequência do segundo ataque, ficando presos seus cadáveres. A esse crime dos imperialistas ianques, denunciado pelo governo da República Popular da Coreia, somam-se os recentes e selvagens bombardeios de cidades como Piongyang e Vonsan, onde mais de 10 mil pessoas morreram ou ficaram feridas.

ITALIA

Os estivadores da cidade de Livorno, filiados à CGT, realizaram uma greve de protesto contra o descarregamento de material bélico transportado por um cargueiro americano.

GRECIA

O jovem patriota grego Manolis Glezca, que na cadeia de Averoff aguarda a hora de sua execução, denuncia numa carta a existência de 3 mil condenados à morte pelos monarcos-fascistas. Manolis Glezca, nessa missiva, faz um ardente apelo à solidariedade internacional para salvar as vidas desses patriotas.

INGLATERRA

O governo inglês assinou um tratado com o governo da URSS para a compra de madeiras no valor de 28 milhões de dólares, com uma opção segundo a qual poderá adquirir outras mercadorias no valor de 14 milhões de dólares.

CHINA POPULAR

Um cidadão italiano e outro japonês foram condenados à morte depois de prova da sua participação numa conspiração terrorista contra o regime da República Popular da China, sob as ordens do antigo adido militar ianque naquele país, coronel David D. Barret. A conspiração visava à eliminação física dos principais dirigentes da República Popular da China.

IRA

Grande manifestação anti-britânica e pelo imediato cumprimento da lei de nacionalização do petróleo foi realizada na cidade de Teerã. Os manifestantes advertiram o governo iraniano de que terá de assumir as responsabilidades pelos graves acontecimentos que advirão se ele se curvar às imposições dos imperialistas anglo-americanos.

VOZ OPERÁRIA

Director Responsável

JOAO BAISTA DE LIMA E SILVA

Matriz: Av. Rio Branco, 251 17.º andar - Sala 1712

SUCURSAS

SÃO PAULO - Rua dos Cantantes, 81 - sala 23; PORTO ALEGRE - Rua Riachuelo, 389 - Baixos; BELO OESTE - Rua da Palma, 225 - Sala 205 - Edif. Saal; SALVADOR - Rua Padre Arcânjo Gomes, 7 - 1.º andar - Sala 2; FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1243, Sala 2; RIO DE JANEIRO - Rua Silva Jardim - 689.

Anual 60,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
Número Avulso 1,00
Número Atrasado 1,50

ESTE SEMANARIO E RECEM- PESSO EM SÃO PAULO - RUA RIBEIRO - PORTO ALEGRE - RUA FORTALEZA E JOAO PESSOA

A Bienal - Propaganda IDEOLÓGICA DO IMPERIALISMO

AYDANO DO COUTO FERRAZ

DIANTE da próxima realização da Bienal de São Paulo e da grande mobilização de propaganda em torno dela feita, colocamos um problema: devem os artistas progressistas apoiar ou participar dessa exposição? A resposta é negativa. Os objetivos da bienal são reacionários. A Bienal é patrocinada pelo Museu de Arte Moderna, de São Paulo. Esse Museu, financiado por Matarazzo, há meses fundiu suas atividades com o Museu de Arte Moderna, de Nova York, financiado por Nelson Rockefeller. Sabe-se que o magnata mundial do petróleo (Standard) e o latifundiário imperialista em nosso país (IBEC), é também o encarregado da aplicação do Ponto IV de Truman à América Latina.

Que tem a ver isto com a bienal? — podem perguntar pessoas desprevenidas. É claro que tem a ver muita coisa. Como?

Os dominadores americanos que, no momento, até por meio da agressão armada levam a efeito seus planos de expansão e conquista, querem também submeter ao completo controle ideológico os países a eles subordinados, como o nosso. Os meios de que usam fazem-se sentir em nossa vida: medidas militares, pressão política, sujeição econômica, embrutecimento das massas por mil formas de propaganda, medidas repressivas.

E por que isto acontece? Porque assim como o povo em geral, os intelectuais e artistas dos países em essência reduzidos à condição de colônia pelos Estados Unidos despertam e lutam em defesa de seus interesses e manifestam a vontade de realizar uma arte ligada ao povo, capaz de exprimir suas lutas, sua aspiração de paz, independência e uma vida melhor. Por isto os imperialistas se apressam no afã de ganhar para as suas ideias esses mesmos intelectuais e artistas.

A bagagem ideológica do imperialismo é simplista, mas nem por isso deixa de exercer uma influência insidiosa. O abstracionismo na pintura, os temas desligados da vida, a fuga à realidade, ocupam lugar destacado nessa bagagem. Os Museus de Arte Moderna de Rockefeller e Matarazzo, destinados a explorar e impor essa espécie de arte, única que interessa à burguesia decadente, têm aí a sua origem.

A arte progressista, que exprime os anseios populares, ou mesmo o simples figurativismo, não entra nesses Museus. Ali entram os quadros abstracionistas, as representações mórbidas, todas as expressões enfim de uma arte inumana que reflete o desespero das classes dominantes, uma arte cuja mensagem é a negação da vida. Não é significativo que os defensores dessa arte no Brasil sejam os Oswald de Andrade, os Flávio de Carvalho, os Sérgio Milliet?

Na verdade, não é de agora que os imperialistas americanos fazem seu trabalho

de preparação ideológica em nosso país. Durante a guerra passada aqui vieram artistas como Eddie, autor de dois melhores pintados no hall da Biblioteca Nacional, professores como Berrien e dezenas de outros todos ligados ao Departamento de Estado e que em nosso meio realizaram um trabalho sutil de propaganda. Essa propaganda recrudescerá há algum tempo com o uso da arma da corrupção. Recentemente, Willard Barber, do Bureau de Negócios Interamericanos do Departamento de Estado, propôs na Universidade de Columbia, a aplicação do Ponto IV ao setor cultural na América Latina, sob o disfarce das «missões».

E o que vemos? Aos prêmios literários, bolsas de estudos, edições de obras nuanças nos Estados Unidos, agora se soma o receio dos tubarões nacionais submissos e entrosados com os interesses americanos, todos eles interessados em lucro, ainda maiores auferidos com a guerra de Truman. Reservam uma parte ínfima da mais-valia roubada aos operários para com ela corromper os artistas e intelectuais. Chateaubriand, Júlio de Mesquita, Paulo Bittencourt, os assessores trotsquistas das direções das grandes empresas jornalísticas, são os veículos dessa manobra em que aparecem os Jaffé Matarazzo, Lunardelli, Numa de Oliveira, os maiores banqueiros, industriais e latifundiários do país e, por trás deles, puxando os cordões, o patrão Rockefeller.

É compreensível que tão generosos tubarões se entendam às maravilhas com Getúlio, transformado em novo Mecenas, e que é o presidente de honra da exposição. Nem aparece por acaso integrando o furi da Bienal o desmoralizado crítico trotsquista Pedrosa. Para atrair expositores, escrevia uma jornalista no «Correio da Manhã» desde que foi anunciada a Bienal, diretores de grandes empresas (sic) concorreram com doações de 100 mil e 50 mil cruzeiros.

Por outro lado, nessa exposição internacional não participam os países do campo democrático e anti-imperialista. Por que? Logicamente porque a Bienal é uma exposição do campo anti-democrático e imperialista, o campo da guerra. E os artistas do campo socialista tomam como motivos, não os temas abstratos, o pessimismo, a negação da vida e do futuro da humanidade, mas os errôneos temas da paz, da edificação da nova vida, a posse da terra pelos camponeses, o suntuo industrial dirigido pela classe operária, as conquistas científicas e culturais do povo. Na Bienal isto não poderia aparecer porque isto não é fuga nem abstração mas justamente a realidade contra a qual são feitas, no terreno da arte, as Bienais de Rockefeller e Matarazzo. Eis porque os artistas progressistas não devem apoiar ou participar dessa exposição.



O I Congresso de Mulheres do Brasil, que traçou um programa concreto de luta pela paz, contra a carestia da vida e em defesa da infância mobilizou o interesse de setores de massas em São Paulo. Na gravura vemos uma assistente do Congresso, dona Tereza Dantas Pinto que, trazendo seu filho ao colo, participa de uma das reuniões. Sua atitude demonstra o entusiasmo e o interesse com que as mulheres paulistas acolheram o Congresso, convencendo-se da possibilidade de lutarem com êxito pela paz e por uma vida melhor.

Ferro em Brasa

MADE IN USA

ANDA muito ativo no seu papel de provocador policial o sr. Hamilton Nogueira. Quando ele fala, DIP invisível lança as suas palavras nas colunas da sábia com um sincronismo impressionante. O pior dos ingenuos veria que se trata de matéria encomendada pelo centro diretor da Avenida Presidente Wilson. A proporção que as provocações vão sendo forçadas, Nogueira as vomita da tribuna do Senado.

E' dessa qualidade seu último discurso. E ele proprio se gaba do infame papel que desempenha, quando confessa haver sido acusado de ser espião ianque «K-61» e anuncia a volta à tribuna para novas provocações, munido de «documentos» que acaba de obter. E' o histórico e ridículo, mas não é somente um boneco falante da embaixada americana. E' no seu caso também porta-voz do seu partido. E' visível que a UDN mais uma vez age com mão de gato: emprega a chantagem política do anti-comunismo para obter melhores posições e vantagens no aparelho das classes dominantes. Por isso é que Nogueira, como um fascista, investe contra a liberdade de imprensa e pede a cassação do fornecimento de papel para a combativa «Classe Operária»; lança-se furioso contra as legações das democracias populares e, assim como ficou resolvido em Washington, pede o rompimento de relações; agride a oficialidade patriótica das forças armadas procurando dividi-la com intrigas rasteiras contra o Clube Militar.

As provocações imbecis de Nogueira são feitas perante um Senado unanimemente em torno dos patrões ianques, representativo do que há de mais pódre nas classes dominantes. Encorajado por esse clima, é que ele diz tantas sandices contra o Partido Comunista e Luiz Carlos Prestes. Mas enquanto não havia sido roubado o mandato do Cavaleiro da Esperança, o senador da LEC não era tão árdego. A um aparte de Prestes, ele tratamudeava, ficava mais gago e batia em retirada. Diante da força moral do grande líder, o pobre diabo não ousava fazer o que hoje faz.

A FARSA DA ANISTIA

ORGÃO dos socialistas de direita já pôs as unhas de fóra. Vinha se batendo pela anistia do bagageiro ianque Estillac Leal com um grande ardor. Procurava esconder o que representa de verdade essa anistia. Mas não foi fácil enganar por muito tempo a opinião pública. E então o «O Popular» diz com todas as letras que espécie de anistia defende. Ele quer apenas um novo perdão de Getúlio para todos aqueles que se agachem ante o seu governo, reneguem o programa pelo qual pegaram em armas, concordem, em suma, com a ignominiosa dominação americana em nosso país.

«Sabe-se que o sr. Getúlio Vargas que concordou plenamente com as informações prestadas ao Senado pelo General Estillac Leal — escreve aquele jornal em sua edição do dia 17 — está examinando atentamente o projeto Rui de Almeida e, segundo se diz, inclinado a resolver, dentro das normas do decreto de 1945, a situação de todos aqueles oficiais, excluindo apenas os que, por suas atitudes atuais, ainda se mantenham ligados ao ex-Partido Comunista».

Eis aí como «O Popular» arranca a máscara. Quer uma nova edição da farsa que aproveitou os nazi-integralistas e manteve fóra das fileiras a oficialidade nacional-libertadora. Mas para isso nem seria necessário o projeto Rui de Almeida, perfilhado pelo bagageiro Estillac. Basta que os renegados e traidores requeiram a Vargas, juntado um atestado de ideologia de Boré e tudo estará muito bem. E', aliás o que confessa o «O Popular»: «Seria, a nosso ver, uma solução capaz de ser adotada imediatamente, ficando ao Senado Federal a decisão final sobre todos os casos, com a aprovação ou rejeição do projeto».

O «O Popular», dessa maneira, lança às feras os patriotas que fingia defender, contentando-se com a graça do tirano Vargas para alguns renegados que hoje formem nas fileiras dos socialistas de direita.

Estado De Polícia

AINDA uma vez Getúlio mandou ao Parlamento mensagem acompanhando um projeto de lei pela abertura de crédito para a Polícia. Quer mais três milhões para reforçar a vultosa verba do Ministério da Justiça.

Trata-se, conforme adianta na sua exposição de motivos, o ministro Negrão de Lima, «caixeiro-viajante do golpe fascista de 1937, de verbas para diligências e investigações de caráter secreto. A verba deste ano já foi gasta. E os compromissos da guerra fazem aumentar as despesas, tornando o erário ao custo de provocações de âmbito nacional, etc. Negrão diz isto em outras palavras. Faz a «defesa do regime», «agravamento da situação internacional» etc. Mas diz. E isto entre muitas outras coisas impossíveis de esconder, serve para dar a justa medida do Estado de polícia de Vargas.



7 dias NO BRASIL

ATESTADO DE IDEOLOGIA NO DASP

Atentando mais uma vez contra os direitos e as liberdades civis, o governo Vargas instituiu nos concursos do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) o ignominioso atestado de ideologia, já repellido por toda a opinião democrática do país, como um instrumento fascista. Esse ato revela em toda a sua face o cinismo de Vargas, que ainda recentemente, falando a um agrupamento de pelécos no Catec, condenou em palavras a discriminação política.

MAIS UM CRIMINOSO DE GUERRA

Outro criminoso de guerra, colaboracionista dos nazistas durante a ocupação da França e posteriormente condenado à morte pelos seus crimes, foi recebido, de braços abertos, por Vargas e sua quadrilha. Trata-se de conde Jacques de Bernonville, um celerado que as próprias autoridades canadenses, premidas pela opinião pública, foram obrigadas a expulsar do país, onde havia se refugiado. A polícia fez a «cobertura» do bandido, ao descer no aeroporto do Galeão, segundo informaram os jornais. Afinal de contas, eles se entendem. Mas o povo saberá dar a devida resposta a esse assassino dos heróicos «maquis» franceses.

COMICIO DE PROTESTO

Realizou-se em Belém do Pará um comício comemorativo da «Tribuna do Pará», de protesto contra o recente atentado policial às suas oficinas. Grande massa popular, apesar do aparato da polícia, compareceu ao comício, aplaudindo os oradores e contribuindo para as reconstruções das oficinas daquele órgão da imprensa popular, que voltou a circular denunciando o crime e apontando o governador Zacharias de Assunção como seu responsável.

EXERCÍCIOS DE GUERRA

Foram realizados na cidade de São Luiz exercícios militares com os mais modernos armamentos americanos, do tipo que estão sendo utilizados na guerra da Coreia. Os exercícios são idênticos aos realizados há poucos dias no Amazonas, segundo informações colhidas em fontes militares. Esses exercícios estão enquadrados dentro do plano da preparação do país para a guerra.

VITÓRIA DOS UNIVERSITÁRIOS

Força do pelo movimento nacional de protesto dos universitários o reitor da Universidade de São Paulo rejeitou as condições mínimas impostas pelos estudantes para remição das aulas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo paralizadas naquela escola desde o dia 8 de maio. A greve geral decretada pelo XIV Congresso Nacional dos Estudantes teve pleno êxito, sendo retirada a ordem da F.A.U., reaberto o Crêmio Acadêmico e dissolvida a comissão nomeada para apurar responsabilidades individuais de grevistas. Os estudantes, porém, continuam firmes em sua exigência pela integração na cadeira de Grandes Composições do arquiteto Oscar Niemeyer, cuja posse foi impedida em virtude de medidas de discriminação política.

ACAO em defesa da PAZ



POR QUE VOCE NÃO FAZ ASSIM?

Na Mooca, São Paulo, um ferroviário vem fazendo com êxito a coleta de assinaturas.

Ele, mas com êxito fazem coleta milhares e milhares de partidários da paz espalhados por todo o Brasil.

A maneira escolhida pelo ferroviário da Mooca, entretanto, tem a sua particularidade muito interessante. É que quando ele pede uma assinatura, não se esquece do trabalho de finanças. Ele sabe que a campanha da paz precisa de fundos. E é assim que argumenta com as pessoas visitadas. Por isso, numa coleta por ele realizada em que houve 1.200 assinaturas, o ferroviário da Mooca recolheu Cr\$ 1.040 cruzeiros angariados entre as pessoas que assinaram o Apêlo.

O "PROGRAMA DE ESTIMULO" BOA EXPERIENCIA DE EMULACAO

A EMULACAO é uma das grandes armas para impulsionar e campanha por um Pacto de Paz. Principalmente se se reveste de um caráter prático.

Um interessante exemplo de emulação foi estabelecido pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz. Foi ali instituído um "Programa de Estimulo", com a seguinte contagem de pontos:

- 1 assinatura..... 1 ponto
- 1 grupo coletor formado... .. 50 pontos
- 1 posto de coleta ..10 pontos
- 1 posto central ..20 pontos
- 1 Conselho da Paz.....100 pontos
- 1 Conselho de Paz (com sede)..... 150 pontos
- 1 Conselho de Paz Municipal..... 200 pontos

Conquista de apoio de uma organização, de acordo com a sua importância.....

- 100 pontos
- 200 pontos
- 500 pontos

A emulação estabelecida na Bahia ainda prevê os seguintes casos:

- Conquista de apoio de personalidades: 30 pontos, 50 pontos e 100 pontos. Por cada socio conseguido: 15 pontos. Por cada assembleia realizada: 20 pontos e 50 pontos. Propaganda realizada, de acordo com a repercussão: 50 pontos, 100 pontos e 200 pontos. Finanças: por cruzeiro realizado: 1 ponto. Pelo pronunciamento de Câmara Municipal 1.000 pontos.

ÉIS UMA BÓA EXPERIENCIA A SER ADOTADA



Os estudantes paulistas realizaram na semana passada o semierros do quilting João Neves da Fontoura que em nome de Vargas assinou as Resoluções da Conferência de Washington vendendo nos irapiratas unques o sangue de nossa juventude. Desfilando pelas ruas centrais da Capital de São Paulo, conduzindo um coião mortuário, os estudantes empujavam faixas onde se lia: «Viva a paz, abaixo a guerra — Nenhum soldado prá Coréias — clamo diata Libertação de Elisa Branco»

300.000 assinaturas em São Paulo

OS partidários da paz de São Paulo instituíram a Semana do Apêlo, destinada a dar uma arrancada na coleta de assinaturas e cobrir uma cota especial de 50 mil assinaturas.

Domingo, 19, a Semana encerrou-se com êxito na sede de Belem da Cruzada Humanitária Contra a Bomba Atômica. Vários comandos foram

realizados, destacando-se dentre eles os dos jovens que fizeram 4.201 assinaturas logo recensadas. Calcula-se que nos vários bairros os jovens atingiram 10.000 assinaturas. A Comissão Piratiniga de Solidariedade nos Pressos Políticos promoveu três comandos naquela data e colheu 624 assinaturas.

NO INTERIOR PAULISTA
Vários municípios começam a intensificar o ritmo da coleta, para que São Paulo atinja no prazo de 30 de outubro a sua cota de dois milhões.

Santos, a cidade de grandes tradições democráticas e de luta pela paz iniciou seu trabalho naquele sentido e remeteu à sede da Cruzada em São Paulo a soma de 3.629 assinaturas. Ribeirão Preto mandou 1.670 assinaturas. Jales enviou 400.

SEMANA VITORIOSA
Desse modo é que, segundo cifras publicadas no dia 21, São Paulo já ultrapassou as 300.000 assinaturas. Tal êxito foi alcançado como um dos frutos da «Semana da Paz», instituída pela Cruzada Humanitária. O emprego da emulação entre as equipes coletoras e os coletores individuais muito facilitou esse notável trabalho de poucos dias, o que revela também as amplas possibilidades que tem a campanha pela conclusão de um Pacto de Paz no grande Estado.

Segundo recentes dados são as seguintes as cifras da paz em São Paulo:

Capital.....194.172

Interior.....106.359

SEM DISTINÇÃO DE RELIGIÃO

A CAMPANHA pela conclusão de um Pacto entre as 5 potências, em todos os Estados conta com o crescente apoio de pessoas de convicções religiosas que assinam o Apêlo do Conselho Mundial da Paz. Entre estes figuram: Padre João Sacramento; Padre Nestor Passos; Padre Arnaldo de Moraes Arruda; vereador Valério Giuli, do Partido Democrata Cristão; Dr. Cândido Meireles, líder espirita cearense; deputado Salgado Sobrinho, espiritualista; o líder católico Francisco Mangabeira; Amador Rodrigues Pereira, diácono da Igreja Metodista; Reverendo Nadir Pedro dos Santos, da Igreja Metodista; Reverendo Moacir Lousada Machado, metodista; presbítero Manoel Batista, da Igreja Congregacional Fluminense; Reverendo João Correia D'Ávila, pastor da Igreja Congregacional Fluminense, e muitas outras.

Em Outubro o III Congresso Brasileiro De Defesa da Paz

Em sua reunião deste mês, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz aprovou a seguinte decisão convocando o III Congresso Brasileiro da Paz, a realizar-se em outubro próximo:

«A DIRETORIA do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz consciente do crescimento das forças da Paz no Brasil decide a realização do III Congresso Brasileiro da Paz, em São Paulo, resolve realizar o III Congresso Brasileiro da Paz, no decorrer da 1ª Quinzena de Outubro do corrente ano.

Importantes vitórias assinalam a nossa atividade, das quais ressaltamos a compreensão bem maior do nosso povo para a importância do problema da defesa da Paz, manifestada nas suas sucessivas demonstrações contra nossa participação na guerra da Coréia.

Não temos a menor dúvida de que foi principalmente pelo esclarecimento que levamos ao povo, que ainda não partiu para a guerra da Coréia um contingente de forças brasileiras.

A vontade de Paz de nosso povo é incontestável. A diretoria do Movimento Brasileiro convocando o III Congresso Brasileiro da Paz cre que chegou o momento de se dar um balanço da que foi feita desde o último Congresso, que se desenvolveu com tanta felicidade em S. Paulo.

O III Congresso Brasileiro da Paz será precedido, certamente, dos Congressos Estaduais, dos Municipais, das Conferências de bairro, das assembleias de empresas, das assembleias de organizações, etc.

Além disso, desse III Congresso sairão resoluções e a delegação do Movimento Brasileiro que participará da representação nacional na Conferência Continental Americana pela Paz a realizar-se de 24 a 28 de Outubro.

Outro objetivo da realização do III Congresso é a ampliação do nosso movimento e a cobertura da cota de 5 milhões de assinaturas ao Apêlo Por Um Pacto de Paz. Entre as 5 Grandes Potências, aberto a todos os Estados. A diretoria do Movimento Brasileiro julga que assim o III Congresso será um conjunto de quotas cumpridas.

O período de tempo que nos separa do III Congresso deve permitir a estruturação do movimento da Paz, com a criação de Comissões Municipais da Paz, Conselhos de bairro, Conselhos de empresa, etc.

A diretoria do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz chama a si a responsabilidade de, até o fim do corrente mês de agosto, precisar os dias e local de realização do Congresso, bem como de organizar e expedir a todos os Movimentos Estaduais o Tomário, Normas e Regulamento Interno do III Congresso Brasileiro da Paz, aberto a todos aqueles homens, mulheres, jovens, organizações, sociedades, entidades religiosas, clubes, etc. que aspiram a Paz e a Felicidade.

Ass. — Abel Chermont
Bureau Filho»

REVESTE-SE DE GRANDE IMPORTÂNCIA A CONFERENCIA ECONOMICA INTERNACIONAL

Reveste-se de particular importância para os meios econômicos e financeiros, assim como para o povo em geral, a Conferência Econômica que deverá realizar-se em Moscou, nos primeiros dias de outubro próximo. Personalidades da indústria e do comércio tem manifestado interesse pelo conclave, cujos objetivos principais são o intercâmbio comercial normal entre todos os países e a melhoria de condições de vida das populações, disso resultante. O intercâmbio comercial normal e a melhoria das condições de vida das populações somente são possi-

veis com a economia pacífica e nunca sob a economia de guerra, que traz os mais sérios desequilíbrios.

Uma comissão provisória de apoio à Conferência Econômica Internacional de Moscou já se encontra em atividade e o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz dá particular importância à realização desse conclave, devendo estar a esse presente uma delegação brasileira que expresse o interesse dos círculos de comércio, indústria, finanças, agricultura, cooperativas, sindicatos, etc. de nosso país.

As Cifras Brasileiras da Paz

GOIAS, com 30 mil assinaturas, e Espírito Santo com 15.273 encontra-se à frente da campanha pela conclusão de um Pacto de Paz. Já realizaram 48 dos 28% da cota, respectivamente.

Mas o peso da campanha pelos 5 milhões repousa principalmente sobre São Paulo, que tendo obtido cerca de 520 mil assinaturas ainda não atingiu 15% da sua cota.

Rio Grande do Sul, Bahia, Minas e Pernambuco, que igual ao Distrito Federal têm particular importância, ainda não atingiram os 20%.

Nessa campanha, assina como na do Apêlo de Estocolmo, é grande o papel desempenhado pelas mulheres. As últimas cifras recensadas apresentam os seguintes resultados obtidos pela Federação de Mulheres do Brasil, cuja cota é de 750.000 assinaturas:

Distrito Federal.....	50.992
Pernambuco.....	27.116
Bahia.....	11.487
Ceará.....	13.370
São Paulo.....	86.277
Rio Grande do Sul.....	4.318
Estado do Rio.....	11.439
Goiás.....	10.877
Minas Gerais.....	6.000
Alagoas.....	1.640

TOTAL..... 224.016

Quanto os trabalhadores, o que denota um progresso sobre a campanha do Apêlo de Estocolmo, estes, organizados em suas Uniãos Gerais de Trabalhadores nos Estados, principalmente em Pernambuco, Bahia, Ceará, São Paulo e Rio Grande do Sul, já conquistaram 58.210 assinaturas. São Paulo vem em primeiro lugar com 31.675.

NOTICIARIO

UM FRANCISCANO

O Padre Eucário Schmidt, do convento franciscano de Casado, Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, assinou o Apêlo por um Pacto de Paz. O mesmo fez o Reverendo Athos Vasconcelos pastor da 1ª Igreja Batista da cidade.

PEDRO AMORIM ASSINOU

«Como democrata e médico não poderia deixar de assinar este Apêlo» — declarou Pedro Amorim, o antigo ponta direita da seleção nacional, hoje exercendo a clinica na cidade de Bonfim, Estado da Bahia.

ASES DO PUGILISMO

Ralph Zumbano, Antonio Zumbano, Francisco Pacheco, Lucio Inacio, Pedro Gaiasso, Antonio Mota, Ricardo Zumbano, Higino Zumbano, Fernando Valverde, Gomes de Oliveira, Gastão Coelho, Armando Gomes e o técnico Kid Joffre, treinador da equipe brasileira ao Campeonato Panamericano de Box, assinaram o Apêlo por um Pacto de Paz. São eles os mais famosos ases do pugilismo paulista.

DOIS ATORES

Os atores Jaime Barcelos e Jackson de Souza declararam-se a favor dos termos do Apêlo do Conselho Mundial da Paz, colocando sob o Apêlo as suas assinaturas.

IMPORTANTES ADESOES

O prof. Gentil Tavares de Mota, que foi deputado por Sergipe em várias legislaturas, José Augusto da Rocha Lima, notável pedagogo, aderiram ao Movimento da Paz naquele Estado.

EM PERNAMBUCO

Guerra Felix, o conhecido compositor e maestro, o engenheiro Pelopidas Silveira, professor da Escola Politécnica e ex-prefeito do Recife, e o poeta popular Luiz Martins, firmaram na capital pernambucana o Apêlo pela conclusão de um Pacto de Paz.

Jornada Nacional de Luta Pelo Regresso de Nossos Marinheiros

GETULIO QUER ENVIAR OS MARINHEIROS PARA A MORTE NA COREIA



A vida desses 2.000 jovens brasileiros está diretamente ameaçada. Seus pais, irmãos, suas mães e seus amigos poderão, a qualquer momento, receber a terrível notícia de que nunca mais o verão, de que inúmeros desses jovens ficaram num túmulo anônimo na Coreia. Pois para a Coreia pretende Getúlio enviá-los imediatamente, para atender às exigências de Truman sobre o fornecimento de tropas brasileiras para sua monstruosa agressão contra os povos coreano e chinês.

Temendo a revolta do povo, Getúlio tem procurado, através do Ministério da Marinha, tranquilizar as famílias dos marinheiros dizendo que eles se encontram há mais de seis meses nos EE. UU. aguardando, simplesmente, que sejam separados os dois cruzadores. Mas os fatos desmentaram as manobras de Getúlio.

E quais são os fatos?

1 - OS AMERICANOS QUEREM TROPAS BRASILEIRAS NA COREIA

No dia 25 de Junho esteve no Itamarati o embaixador norte-americano Johnson que, em nome do Departamento de Estado, exigiu que o governo brasileiro respondesse favoravelmente ao pedido da ONU de envio de tropas de Brasil para a guerra na Coreia. Aliás, segundo confirmou um jornal que recebe orientação direta do Catete, «Última Hora», já na Conferência de Washington «ordens reservadas tinham sido feitas a respeito da participação de forças deste continente no conflito asiático».

2 - GETULIO PROMETEU MANDAR Nossos Soldados PARA A GUERRA DOS LANQUES

Na resposta que deu ao pedido da ONU, Getúlio disse que, no momento, o Brasil não dispunha de tropas «adestradas» para a guerra no exterior. Mas, ao mesmo tempo, prometeu tomar imediatas providências para enviar, em tempo, contingentes militares brasileiros à Coreia. E para isto mandou Góis Monteiro aos EE. UU., com instruções secretas que lhe foram entregues à borda, pelo quilting João Neves da Fontoura.

3 - OS EMISSARIOS DE GETULIO REAFIRMAM A VENDA DO SANGUE DE NOSSA JUVENTUDE

Depois da resposta de Getúlio à nota da ONU, seu embaixador naquele organismo, Muniz de Azevedo, declarou que «O BRASIL PARTICIPARIA COM FORÇAS MILITARES DA GUERRA NA COREIA». Esta declaração não foi contestada pelo governo que, assim, a endossou como uma declaração oficial.

Ao mesmo tempo, falando na Junta Interamericana de Defesa, nos EE. UU., Góis Monteiro dizia ao patrão tanque que o Brasil estaria ao lado deles «na batalha decisiva».

4 - O GOVERNO PREPARA O EMBARQUE DE NOSSOS JOVENS PARA A MORTE

Ao mesmo tempo que faz essas promessas aos americanos, Getúlio prepara o embarque de nossos soldados e marinheiros para a guerra.

No norte do país oficiais lanques estão treinando soldados brasileiros no manejo das armas mais modernas que os agressores imperialistas empregam na guerra da Coreia. Exercícios com essas armas foram realizados recentemente no interior do Amazonas e na praia de Olhos d'Água no Maranhão. Estes exercícios são secretos e nem sequer a imprensa tem permissão para assisti-los. O próprio governador do Maranhão foi detido por uma

Nesta semana desenvolvem-se em todo o país lutas e manifestações pelo regresso imediato ao Brasil dos marujos que foram aos EE.UU. tripular os cruzadores «Barroso» e «Tamandaré». Estas manifestações culminarão no dia 28 com a JORNADA NACIONAL PELO REGRESSO DOS MARUJOS.

Por que devemos todos exigir que voltem imediatamente esses 2 mil marinheiros?

Por que é preciso esta campanha?

Como podemos e devemos participar dessas manifestações?

patrulha de espiões quando procurava assistir às manobras militares na praia de Olhos d'Água.

5 - OS MARINHEIROS DO «BARROSO» E DO «TAMANDARÉ» IRIAM EM PRIMEIRO LUGAR

Quando se reuniu o Conselho de Segurança para tratar da resposta à Nota da ONU, o quilting João Neves propôs que, já que não era possível o envio imediato de um numeroso contingente militar para a Coreia, fosse logo enviado um «contingente simbólico». E se falou da possibilidade de mandar os marinheiros do «Barroso» e do «Tamandaré», que já se encontravam fora do país, nos EE.UU. e ali poderiam ser rapidamente equipados para operações de guerra na Coreia. O Brasil seguiria, assim, o procedimento do governo títere da Colômbia, que mandou a fragata «Almirante Padilha» para as operações de guerra na Ásia.

6 - PARA O BRASIL OU PARA A COREIA?

Nos Estados Unidos os

marujos brasileiros do «Barroso» e do «Tamandaré» passaram a ter um treinamento militar intensivo sob o comando de oficiais da marinha lanque. Ficaram sujeitos às mesmas obrigações dos marinheiros norte-americanos e foram obrigados a doar sangue para os feridos americanos na Coreia. No dia 21, foi oficialmente entregue à Marinha brasileira o cruzador almirante Barroso. Mas, em lugar de regressar ao Brasil, o «Barroso» seguiu, com uma tripulação de 1.200 homens, sob o comando do capitão lanque Willard J. Suits, para a base naval norte-americana de Norfolk, na Inglaterra. Ali os marujos completarão o treinamento de guerra que iniciaram em Filadélfia. E daí, onde irão?

É claro que, se os americanos submetem os marinheiros do «Tamandaré» e do «Barroso» a esse intensivo treinamento é porque pretendem lançá-los imediatamente em operações de guerra na Coreia.

PELA VOLTA DOS MARINHEIROS, EM DEFESA DA VIDA DE NOSSA JUVENTUDE

A campanha pelo regresso dos marujos do «Barroso» e do «Tamandaré» ao Brasil é uma campanha em que todos os partidários da paz e todo o povo se devem empenhar a fundo.

Por que?

- 1) Porque não devemos permitir que esses 2.000 jovens brasileiros morram pelos lucros dos milionários americanos na guerra de agressão contra o povo coreano. Porque suas mães, esposas, noivas e filhos exigem que eles voltem a seu lares, não querem que sejam despedaçados numa guerra criminosa e injusta.
- 2) Porque lutando pelo regresso dos marujos lutaremos também para impedir que milhares de outros jovens brasileiros sejam enviados para a morte na

Coreia. Se Getúlio conseguir enviar o primeiro contingente para a guerra, terá a porta aberta para entregar a Truman as vidas dos 20.000 brasileiros que os lanques exigem para a sua agressão contra o povo coreano.

- 3) Porque realizando uma grande campanha nacional pelo regresso dos marujos despertaremos a vigilância das massas populares contra as manobras do governo para o envio de tropas à Coreia ou a qualquer outra parte onde determinem os americanos. Nesta campanha pode ser reforçada a unidade e a organização das massas populares na luta em defesa da paz, fazendo a todos compreender claramente o perigo que pesa sobre a vida de nossos filhos e irmãos.

QUE FAZER NA JORNADA PELA VOLTA DOS NOSSOS MARUJOS ?

PROPAGANDA E AGITAÇÃO

1. Explicar a todo o povo o perigo que correm os 2.000 marujos do «Barroso» e do «Tamandaré», apresentando os argumentos que mostram que Getúlio pretende mandar os para a Coreia. Para isto o tirar e distribuir volantes e manifestos, fazer

jornais murais, pixamentos, realizar comícios relâmpagos nas praças de fábricas e locais de concentração de massas.

2. Manter, pela imprensa democrática, um esclarecimento constante da massa, fazendo entrevistas com as famílias dos marujos e com pessoas do povo

informando sobre a situação dos marujos nos Estados Unidos, divulgando os protestos e manifestações populares pelos regresso dos marinheiros

3. Diálogo, por todos os meios, as seguintes palavras de ordem:
— Volta imediata dos nossos marujos

— Exijamos que voltem dos EE.UU. os nossos marujos

— Contra o envio de nossos marujos para a Coreia

— O marinheiro do Brasil não irá à Coreia

— Americano, sai de nossa terra!

— Amistoso na Coreia! MANIFESTAÇÕES

1. Organizar abaixo assinados e telegramas coletivos ao governo e ao Parlamento exigindo o regresso imediato dos marujos protestando contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia.

2. Visitas de comissões populares aos jornais para pedir a volta dos marujos.

3. Passeatas nas ruas e comícios nos bairros e no centro da cidade.

4. Visitas às Câmaras Legislativas para entrega de moções exigindo a volta dos marujos e para apoio de moções, apresentadas pelos representantes democráticos, apoiando esta exigência

HÁ UM ANO PRESTES ADVERTIA

É urgente redobrar de energia na luta pela paz e contra os provocadores de guerra. Precisamos esclarecer milhões e dezenas de milhões de brasileiros a fim de que não sejam enganados com as mentiras de Truman e de seus cínicos agentes em nossa terra. Para isso é indispensável que todos os partidários da paz, que todas as pessoas esclarecidas, muito especialmente os comunistas, multiquem sua atividade não às massas. Só o protesto organizado de todos os povos será capaz de paralisar o braço dos assassinos imperialistas. Exigimos que os agressores norte-americanos saiam da Coreia. Que a voz dos operários nas fabricas, dos camponeses nas fazendas, dos soldados e marinheiros nos quartéis e nos navios, dos estudantes nas escolas, das mulheres que defendem a vida de seus filhos, pais e maridos, se levante num protesto vigoroso que tenha que se ouvido e temido pelo imperialismo e seus agentes no país.

Sim, o Brasil está seriamente ameaçado pela guerra, agora iniciada pelos EE. UU. na Ásia. Os mais cínicos pretextos serão utilizados para justificar a ocupação de nosso território pelas tropas mercenárias de Truman, como acabam de fazer nas Filipinas e no Viet-Nam. É por isso que lutar contra as feras de Truman, que já massacraram mulheres e crianças na Coreia, é lutar contra a violação do território sagrado de nossa pátria e em defesa de nossa soberania nacional — o que precisamos fazer por cima e contra a vontade dos atuais governantes e de todos os políticos das classes dominantes.

(Da entrevista à VOZ OPERARIA em 15 de julho de 1950).



Saudação a Prestes

Do PC da Argentina

ASSEGURAMOS AO CAMARADA PRESTES NOSSA SOLIDARIEDADE ATIVA, SOLIDARIEDADE QUE, ESTAMOS CERTOS, É COMPARTILHADA PELO POVO ARGENTINO QUÊ O CONHECE E AMA — diz a carinhosa mensagem do Pleno Ampliado do Comitê Central do P.C.A.

Realizou-se entre 22 e 23 de julho, em Buenos Aires, o Pleno Ampliado do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina que, entre outras, suas deliberações, aprovou o envio da seguinte saudação ao camarada Prestes:



Aspecto do Pleno ampliado do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina tendo-se à mesa, entre outros, Armando Alvarez, Rodolfo Ghioldi, Juan José Real, Vitorio Codovilla e Alcira de La Peña.

3 PARTICIPANTES do Pleno Ampliado do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina, que se reuniu nos dias 22 e 23 de julho, enviam ao grande dirigente comunista, líder da classe operária e do povo brasileiro, camarada Luiz Carlos Prestes, sua saudação afetuosa de combate.

Sabemos que o camarada Prestes, herói legendário do povo irmão do Brasil, é alvo, juntamente com outros camaradas, da mais encarnada perseguição por parte do governo reacionário de Vargas, que forjou contra ele um processo monstruoso, encarregando a «gangsters» policiais a missão de capturá-lo «vivo ou morto». Por isso, ao mesmo tempo que tornamos público nosso protesto contra esse procedimento bárbaro do governo brasileiro, asseguramos ao camarada Prestes nossa solidariedade de ativa, solidariamente, que estamos seguros, é compartilhada pelo povo argentino, que o conhece e ama.

Sabemos que a oligarquia latifundiária, o grande capital brasileiro e os monopólios anglo-americanos votam um ódio mortal ao camarada Prestes, não só pelas suas gloriosas lutas no passado em defesa da liberdade e da independência de sua pátria, como também pela sua luta atual e enérgica em defesa das reivindicações imediatas da classe operária e de todo o seu povo, contra a exploração feudal-burguesa e contra o domínio do imperialismo yanque sobre a vida econômica e política do Brasil. Na luta do povo brasileiro pela democracia e a paz e, em particular, na luta que vem obtendo êxitos para impedir o envio de tropas à Coreia em benefício dos agressores yanques, os comunistas brasileiros, sob a direção segura do camarada Prestes, desempenham um papel decisivo. Daí o ódio crescente dos imperialistas e seus lacaios contra o querido camarada.

Sabemos o imenso papel desempenhado pelo histórico Manifesto de Agosto no impulsionamento das lutas da classe operária e do povo brasileiro por suas reivindicações econômicas e sociais imediatas, em defesa da paz, da democracia e da soberania nacional alienada ao imperialismo yanque pelo governo da oligarquia latifundiária e do grande capital, e não duvidamos que o heróico Partido Comunista irmão alcançará completo êxito em sua tarefa de unificar a todo o povo brasileiro pela libertação nacional e social do Brasil.

Por tudo isso os participantes do Pleno Ampliado do Comitê Central do Partido, ao mesmo tempo que envia esta saudação fraternal ao camarada Prestes e, por seu intermédio, a todos os companheiros do Partido irmão, fazem votos também pelo fortalecimento dos laços de amizade e solidariedade entre os povos da Argentina e do Brasil na luta comum contra o imperialismo yanque — que pretende impôr seu domínio absoluto sobre todos os países da América Latina — e em defesa da grande causa da paz.

Pelo Pleno Ampliado do Comitê Central do Partido Comunista da Argentina.

a) JUAN JOSÉ REAL



De braços dados O demagogo E o carrasco

O sr. Café Filho suspendeu as audiências relâmpago da fila do Monte para ir a Europa. Já tãriava a viagem. As audiências demagógicas que nada resolviam estavam cansando suas vítimas. Algumas delas foram ameaçadas de prisão porque, iludidas com as promessas daquele grão senhor, ousaram tentar que se abrissem para elas as portas dos institutos que são, no regime de Vargas, verdadeiras casas fortes inacessíveis aos pobres. Na sua viagem, Café está acompanhado de um esquito de jornalistas da «sadia» que alardeiam as excelências do seu trabalho. Proclamando haver resolvido uma série de problemas, Café colocou em primeiro lugar os que dizem respeito ao sal, produto a que se acha estreitamente ligado, principalmente depois que chegou um irmão na Presidência do Instituto. Trata-se de um populista à maneira do patrão Arteriano, dono de grandes indústrias, bancos, companhias aeronáuticas, fazendas, etc.

Café quase que partiu direto do Brasil para lançar-se nos braços do bandido fascista Tito.

Em dias desta semana, Café foi recebido por Tito no suntuoso Palácio de Bled, onde gosa seus olhos o carrasco do povo iugoslavo. Muita gente ligada aos planos de guerra americana ali se achava. Ernest Davies, vice-secretário do exterior da Inglaterra, forz inimigo da paz que desempenha na ONU seu papel de provocador. Sara Churchill, filha do odioso provocador de guerra inglês. O gauleiter americano Allen e o árdido mistificador Kardell, teórico da tração nacional na Jugoslávia. Nem faltou o ministro de Vargas, Ribeiro Couto, cunhado do criminoso de guerra Plínio Salgado, que remetia de Lisboa, na mala diplomática, e sob as vistas de João Neves, a correspondência do imbecilente «quiling» para o Brasil.

Dizem os telegramas que em companhia de Café Filho e do seu cão ovelheiro, o irmão «Fígara» Tito passeava pelas alamedas e divertiu-se um pedaço. Era assim que fazia Goering nos tempos Áureos do nazismo. A diferença é que, por mais forma que façam Truman e os monopólios yanques, nenhuma força poderá ressurgir o fascismo e fazer desse regime infame o que foi no passado. Nem faltou à bacanal do monstro fascista uma jornalista americana recém-chegada da Coreia à Jugoslávia. Não foi à Jugoslávia por acaso o sr. Café Filho. Sua viagem interessa aos planos de agressão norte-americanos. Ali estão os jornais «Getulio e Ademar» fazendo propaganda do bandido Tito. A Jugoslávia de Tito-Rankovitch desempenha um papel de trampolim nos planos de guerra yanques na Europa. E Café, como calzeiro-viajante do imperialismo, o que faz no momento é tentar criar um clima de simpatia para um regime que, procurando passar no exterior o nome socialista, é uma odiosa ditadura nazista, onde os melhores filhos do povo gemem em cárceres mais sombrios que a Gestapo. Nosso povo, entretanto, não se deixará iludir. O populismo de Café Filho adapta-se perfeitamente, como um pé a uma bota, ao «socialismo» do assassino Tito.

Ataquemos a Política de Isolamento da FSM

1.ª parte —
Informe de
LOUIS SAILLANT
(Secretário Geral da F. S. M.)

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL é uma organização de massas e de combate ligada diretamente por suas organizações filiais, por seus correspondentes e partidários, à vida quotidiana de milhões de seres humanos no mundo. Os objetivos da FSM, publicados desde sua criação em 1945, são conhecidos por seus amigos e adversários. Nenhum mistério rodeia suas atividades. Nenhum véu cobre suas deliberações e resoluções. A FSM se dirige periodicamente aos trabalhadores e trabalhadoras do mundo inteiro. Toda a vez que as circunstâncias o exigem, a FSM toma posição sobre os grandes acontecimentos políticos e sociais internacionais que afetam diretamente os interesses vitais das massas trabalhadoras e a defesa da paz.

As atividades da FSM encontram ecos favoráveis em todos os países. Na URSS, na Nova China, nas democracias populares, nos países capitalistas, nos territórios que estão sob mandato e nos países coloniais a política e

as atividades da FSM são apreciadas pelos trabalhadores como política e atividades de uma organização livre e voluntariamente constituída pelos próprios trabalhadores. A FSM representa para eles uma força indispensável posta ao serviço do progresso social e da Paz. Também a organização graças à qual a solidariedade internacional e a ajuda mútua entre os trabalhadores, seja qual for sua nacionalidade ou raça, atinge um nível cada vez mais elevado. Os que exploram os povos, obtêm riquezas dessa exploração e conspiram sem tréguas contra as liberdades e os direitos democráticos das populações laboriosas, não estão satisfeitos com a importância adquirida pelo movimento sindical representado pela FSM. Fies malfidantes públicos desejam tornar impossível a existência da FSM. Seu sonho está longe da realidade e por isso tratam de obter alguns êxitos. Quizeram, no entanto, fecidir por si mesmos em que países a FSM, por meio de seus representantes, tem a possibilidade e o direito de partici-

par das reuniões operárias de assessorar-se à maioria das organizações trabalhadoras, particularmente no que se refere a países capitalistas e de outros países. O governo francês, apoiado sob as ordens do Departamento de Estado, procurou-se fazer esta experiência sobre a política de repressão executada contra as atividades da FSM e proibiu a FSM de a sua sede na França. A essa repressão executada contra as atividades da FSM é um indicio da força do movimento. Se nossa organização não fosse tão consistente como é, os governos reacionários e seus agentes da Internacional amarela dar-se-iam ao trabalho de combatê-la tão rapidamente como o fazem? A FSM não é somente uma administração instalada agora em Viena, na Áustria. A FSM são os milhões e milhões de homens e mulheres, de adultos e jovens, todas e todas os trabalhadores manuais e intelectuais espalhados por todos os países do mundo, que expressam diariamente o caráter vivo e real de nossa Federação, que constituem a substância essencial do nosso grande

movimento sindical mundial em seus diversos e variados aspectos. Não nos mendigamos nada dos governos reacionários. Não nos solicitamos dos multimilionários yanques e seus docéis servidores que facilitem o funcionamento de nosso movimento sindical progressista. Sabemos que, por natureza e por necessidade, preocupados com iniciativas contrárias. Quando nossas organizações sindicais e a própria FSM se dirigem a eles é para reclamar, aculco que nos é devido, e conforme o caso, impô-lo.

Esses elementos tornaram a iniciativa de desencadear no mundo, depois da segunda guerra mundial uma onda de reação social e política interna. Importantes massas de trabalhadores nos países capitalistas, semi-coloniais e coloniais aceitaram o desafio. Nesse grande con-

flito mundial em que as forças populares democráticas e o progresso social se opõem aos grupos monopolistas e exploradores dos povos, a FSM não é neutra. A FSM está a lado dos que a criaram. Esta com o proletariado e o serve em sua luta por suas liberdades, por seus direitos e por sua emancipação. Desde 1946, havíamos previsto, na reunião em Washington do Bureau Executivo da FSM, que a reação internacional, em sua resistência contra o progresso social e humano, tornaria em suas mãos a ideologia e o estandarte do fascismo. Transcorreram cinco anos. Os reacionários e seus lacaios a uam contra a FSM, contra o conjunto de nosso movimento sindical progressista e a t-man do fascismo, não somente seus argumentos, mas também seus meios e procedimentos brutais e ilegais.

A política de isolamento das atividades e do funcionamento da FSM, ordenada pelo governo de Washington, solicitada pela Internacional amarela de Bruxelas e aplicada pelos governos

Muitas dessas debilidades foram superadas após o nono congresso das organizações do Partido no quarto exercício comunista, realizado no Fúkien Ocidental em dezembro de 1929. Discutiram-se projetos de melhoramentos, suprimiram-se muitos ma len cndidos e se adotaram novos planos que estabeleceram as bases para uma ortação ideológica de nível bastante elevado no exército comunista. Até então as tendências a que me referi se manifestavam-se de maneira bastante grave e eram utilizadas pela fração trotskista existente no seio do Partido e do comando militar, com o objetivo de minar a força do movimento. Trouve-se uma intensa luta contra as categorias de trabalhadores do campo, tornava difícil o desenvolvimento dos sindicatos e da renição de grandes massas em seu seio. Os delegados da Conferência eliminaram as idéias gerais e fórmulas sem conteúdo que são insuficientes para provocar uma grande corrente de adesões de empreendedores e ações necessárias para defender diariamente os interesses vitais das massas trabalhadoras.

A situação dos trabalhadores agrícolas, é miserável na América Latina. Ramo fundamental na economia dos países latino-americanos, a agricultura reveste uma organização caduca e anacrônica. As condições antiquadas de trabalho coexistem com as condições de vida feudal das populações rurais. Desde o fim da guerra, os homens de negócios norte-americanos espalharam-se pela América Latina, para aumentar o domínio imperialista yanque. Quere m transformar esses países em fonte de matérias primas a preço vil e mercados de rendimento elevado em benefício exclusivo da indústria yanque. Opondo-se ao desenvolvimento das indústrias nacionais, tratam de acabar seu comércio exterior, isolando economicamente os países da América Latina dos demais continentes.

(Conclui no próximo número)



DOS CLASSICOS

SÔBRE A PAZ
V. I. LENIN

CONDONARSE resolutamente a que nosa reivindicação de que tenha um caráter de ultimatum. Semelhante caráter seria ser funesto a toda a nossa causa. Não podemos admitir que qualquer recusa insignificante de subscrever nossas exigências dê aos governos imperialistas o direito de dizer que não foi possível entabular negociações de paz conosco em razão de nossa intransigência. Não se poderá esconder nossa revolução operária e camponesa. Não poderão as condições propostas por nosso governo operário e camponês não serão ser dissimuladas. Não se poderá esconder nossa revolução operária e camponesa, que lançou por terra o poderio dos banqueiros e dos latifundiários. Se adotássemos uma forma de ultimatum, os governos poderiam não responder.

Com a redação que vos estamos propondo, eles serão obrigados a responder. Que cada qual saiba o que pensa seu governo. Não queremos segredos. Queremos que o governo esteja sempre sob o controle da opinião pública de seu país.

Que diria o camponês de qualquer província afastada se, em consequência do caráter de ultimatum de nossa proposta, não subisse o que quer um outro governo? «Camaradas — era o que ele nos perguntaria — por que excluísteis toda possibilidade de outras propostas de paz? Essas propostas de paz, eu as teria discutido, eu as teria examinado e instruído, em consequência, meus representantes na Constituinte. Estou pronto a combater revolucionariamente por condições justas, se os governos não as aceitarem; mas certos países talvez se achem colocados em tais condições que eu estaria pronto a convidar seus governos a que continuem eles mesmos a luta. A realização completa de todas as nossas aspirações depende apenas da derubada do regime capitalista, todo eles. Eis o que nos poderia dizer o camponês, acusando-nos, talvez, de sermos demasiadamente intransigentes em questões insignificantes, quando o essencial, para nós, é desvendar toda a infâmia, toda a ignominia da burguesia e dos carrascos, coroados ou não, colocados à frente de seus governos.

Não podemos nem devemos dar aos governos a possibilidade de escudar-se em nossa intransigência e de dissimular aos povos o motivo por que os enviam para a matança. Não é senão uma gota d'água, mas não podemos e não devemos renunciar a essa gota de água que acabará, com o tempo, por furar o granito das conquistas burguesas. Um ultimatum facilitaria o jogo de nossos adversários. Ao contrário, daremos a conhecer ao povo todas as condições. Colocaremos todos os governos em presença de nossas condições de paz; que eles respondam a seus próprios povos. Todas as condições de paz, nós as submetteremos à Assembleia Constituinte.

(Discurso pronunciado a 8 de novembro de 1917, no II Congresso dos Sovietes — no folheto «LENIN, STALINE E A PAZ» — Editorial VITORIA).

SEREM dúvida alguma a guerra foi o acontecimento dominante de todo esse período.

Seria um erro pensar que a guerra veio acidentalmente ou foi resultado dos enganos de alguns estadistas. Embora esses erros existam, a guerra surgiu na realidade como resultado inevitável do desenvolvimento das forças políticas e econômicas do mundo, na base do monopólio capitalista. Nós, os marxistas, já declaramos repetidas vezes que o sistema capitalista não segue um curso firme para a frente, mas prossegue através das crises e catastrofes. O desenvolvimento desigual dos países capitalistas leva, com o passar do tempo, a fortes distúrbios nas relações de produção, e os grupos de países que fazem fronteiras entre si, inadequadamente providos de matérias primas e mercados de exploração, procuram geralmente alterar a posição a seu favor por meio da força armada. Como resultado desses fatores, o mundo capitalista se divide em dois campos hostis, o que produz a guerra.

Talvez a catástrofe da guerra pudesse ser evitada se houvesse possibilidades de uma redistribuição periódica das matérias primas e dos mercados de exportação entre os diversos países, de acordo com suas necessidades econômicas, por meio de decisões pacíficas e coordenadas. Mas isto é impossível sob o atual desenvolvimento da economia capitalista. Assim, como resultado da primeira crise surgida na economia capitalista mundial, veio a primeira grande guerra. A segunda surgiu em consequência também da segunda crise.

(Discurso aos Eleitores, em 9 de fevereiro de 1944 — em «Lenin, Stálin e a Paz» —



LEIA "PROBLEMAS"

(Conclui no próximo número)

MINHA VIDA MAO TSE TUNG

torioso. O Comitê Central do Partido ainda não havia, porém, sancionado este movimento. A sua aprovação não foi dada senão no inverno de 1928 quando chegou a Chingkanshan a ata de sexto congresso do Partido Comunista que se realizava em Moscou.

Eu e Chu Tê estavam inteiramente de acordo com a nova linha adotada nesse congresso. A partir desse movimento desapareceram as divergências entre os dirigentes do Partido e os do movimento dos soviets nos distritos rurais. A harmonia havia voltado ao Partido.

As Resoluções do Sexto Congresso atualizavam as experiências da revolução de 1925-1927, dos levantes de Nanchang, de Cantão e do levante pela colheita de outono e concluíam pela aprovação da importância concedida ao movimento agrário. Nessa época se formaram exércitos comunistas em outras regiões da China. Houve levantes a oeste e a leste de Hupei, durante o inverno de 1927, os quais constituíram a base do estabelecimento de novos distritos soviéticos. Hou Lung, a oeste, e Hsu Hai-Tung, a leste, criaram os seus próprios exércitos recrutados entre os operários e camponeses. O soviético de Ouyuan, para onde mais tarde se encaminharam Hsu Hsiang-chien e Chang Kuo-tao, se tornou o campo de operações destes exércitos. Fang Chia-min e Hsiao Shih-ping havia igualmente organizado durante o inverno de 1927 um movimento ao longo da fronteira nordeste de Kiangsi onde fundariam mais tarde um poderoso soviético. Após a derrota do levante de Cantão, Peng Pai conduziria uma parte das tropas que permaneceram fiéis para Hailifong onde criariam um soviético logo destruído em consequência de sua política «putchista». Mas uma parte do exército

salu do distrito sob o comando de Ku Ta-chen e em contato comigo e com Chu Tê; estas tropas se uniram mais tarde o movimento do exército de Ku Chien, durante o inverno de 1928, formando o quinto exército comunista sob o comando de Peng Teh-hui. Os auxiliares diretos de Peng Tsen-yi, Kweichow, durante a Longa Marcha). Huang Kuo-nu (morto em Kwangsi em 1931) e Tien-Teh-yuan.

LUTA CONTRA O GUERRILHEIRISMO E A VAGABUNDAGEM — NOVAS CRISES NO SEIO DO EXERCITO

As nossas condições de vida na montanha se tornaram muito duras com a chegada de tantas tropas. Os soldados não possuíam uniformes de inverno e a alimentação era extremamente ruim. Durante meses vivemos praticamente de abóboras. Os soldados formularam uma palavra de ordem: «Abaixo o capitalismo e as abóboras!» E que, para eles, o capitalismo significava os proprietários e as abóboras dos proprietários.

Deixando Peng Teh-hui em Chingkanshan, Chu Tê rompeu o bloqueio estabelecido pelas tropas brancas e, em janeiro de 1929 finalizou o nosso primeiro período de permanência na montanha fortificada.

O quarto exército empreendeu então uma campanha através do Kiangsi Meridional que obteve um rápido sucesso. Estabeleceu-se um soviético em Tungku, onde as nossas tropas encontraram tropas comunistas locais com as quais se fundiram. Após haver dividido as nossas forças, continuamos a nossa marcha em direção as províncias de Yungling, Shangheng e Lung Yeh, onde estabelecemos soviéticos. A existência de movimentos de massas militares anteriores à chegada do exército

comunista nos garantia o sucesso e nos facilitava a instauração muito rápida de regime soviético sobre uma base estável. A influência do exército comunista se estendeu em do a vários outros hisia graças ao movimento agrário e aos guerrilheiros, mas passou-se algum tempo antes que os comunistas tomassem o controle completo o poder.

As condições começaram a melhorar, material e politicamente, dentro das fileiras do exército comunista mas ainda existem muitas tendências ruins. O «guerrilheirismo» constituía, por exemplo, uma debilidade que se traduzia pela falta de disciplina, por idéias exageradamente democráticas e por um certo relaxamento na organização. Outra tendência que também se tinha que combater era a «vagabundagem», que se traduzia pela repulsa em cuidar das sérias tarefas que se apresentavam ao governo, por um desleixo de movimento, de mudanças de novas experiências e de aventuras. Persistiam igualmente certos vestígios de militarismo: certos oficiais maltratavam ou mesmo batiam em seus soldados e preteriam em proveito de outros aqueles contra os quais sentiam uma aversão pessoal.

(continua)





Voz das Fábricas

O DISSÍDIO DOS MOTORNEIROS DA LIGHT

O Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Carris da Light levou a dissídio coletivo a reivindicação de aumento de salários de cerca de 1.600 motoneiros daquela empresa imperialista. Os motoneiros exigiam um aumento de 2 cruzeiros por hora e mais o direito a 15 minutos de repouso após 4 horas consecutivas de serviço. Nesta semana foi julgado o dissídio e os motoneiros obtiveram decisão favorável ao aumento de 2 cruzeiros e contrária aos 15 minutos de descanso. Mas os motoneiros não receberão ainda o aumento. A Light recorreu ao Tribunal Superior do Trabalho e só depois do julgamento, aí do recurso, é que terá uma solução definitiva a questão suscitada pelos trabalhadores.

Este caso vem mostrar mais uma vez todas as desvantagens do dissídio coletivo como forma de luta para a conquista das reivindicações dos trabalhadores. Ambas as reivindicações levantadas pelos motoneiros são indiscutivelmente justas: tanto o aumento de salários como o descanso após 4 horas de serviço.

Desde 1948, quando obtiveram um pequeno aumento (e a Light, ao mesmo tempo, elevou o preço das passagens de bonde, obtendo com isso maiores lucros) os motoneiros permaneceram com seus salários congelados. Nesse período, houve um forte aumento do custo da vida, nunca inferior a 50%. Houve um forte aumento dos lucros da Light, que passaram de 500 milhões para quase 700 milhões de cruzeiros. O aumento pedido pelos motoneiros — aumento de apenas 25%, em média — torna-se, assim, bem modesto em face da carestia da vida e dos lucros da Light. Ostensivamente, a «justiça do trabalho» não poderia negá-lo. Mas ficou à Light a porta aberta do recurso ao T. S. T., que se pode prolongar interminavelmente, como tem acontecido em numerosos casos. Enquanto isso, continuam a aumentar os preços. Mesmo no caso de uma decisão favorável no TST, quando o aumento começar a ser pago já representará, evidentemente, muito menos do que representava agora.

Quanto ao caso do descanso de 15 minutos vê-se bem qual o sistema de «conciliação» da justiça do trabalho: desfazer-se, em benefício dos patrões de justas reivindicações dos trabalhadores. Evidentemente, nenhum motoneiro pode trabalhar seis horas ininterruptas como hoje o fazem sem um desgaste enorme de energias. Mas disso não quis tomar conhecimento da «justiça do trabalho», agindo no interesse da Light.

★ PERNAMBUCO

Os trabalhadores da seção de «preparação» da fábrica Cotoniére, na cidade de Moreno, declararam-se em greve em sinal de protesto contra a prisão arbitrária de dois companheiros pelo tesoureiro do Sindicato, mais conhecido Amaro Bode Branco, que se achava em companhia de vários beaguins. A greve teve curta duração, pois os operários conseguiram ser iludidos por outro pelégo, que lhes assegurou a imediata libertação das vítimas. Mais tarde, os dois operários foram conduzidos para a Delegacia de Segurança do Recife.

★ SÃO PAULO

Os trabalhadores da fábrica de Ventiladores Zaulin, no Bom Retiro, realizaram uma greve parcial de advertência aos patrões, que se recusam a lhes conceder o justo aumento de salários. Os trabalhadores repeliram

uma proposta patronal de majoração de 50 centavos no salário-hora para aqueles que fossem casados.

★ CEARA

Os trabalhadores textéis das fábricas «São José» e «Baturité», unindo-se para lutar contra os patrões pela conquista de várias melhorias, foram vitoriosas parcialmente em suas pretensões.

Na fábrica «São José», os trabalhadores forçaram os patrões a pagar a fêria na base diária de Cr\$ 11,60, numa semana em que os salários por tarefa caíram sensivelmente em virtude de modificações na produção.

Na «Baturité», os operários conquistaram um aumento de 50 centavos na produção por merto de um novo tipo de tecido — o chamado «mucuripe». A fazenda é mais larga e mais ajustada que as de tipo comum, gastando os operários o dobro de tempo na confecção.

Nos últimos meses, na maioria das lutas por aumento de salários, os trabalhadores repeliram a insinuação do Ministério do Trabalho de que os patrões estavam a fazer concessões para evitar conflitos.



Esta interferência do Ministério do Trabalho nas mesas redondas de empregados e empregadores é uma forma de

Contra a Interferência Do Ministério do Trabalho

ROBERTO MORENA

manter artificialmente o dissídio coletivo repleto numa grande maioria de assembléias sindicais. É o prosseguimento das intervenções de um terceiro elemento, não empíricas como se apresenta nos patrões, nas disputas entre patrões e trabalhadores. E assim, enquanto se processam as conversações nos corredores do Ministério do Trabalho, ficam os patrões com largos recursos para envolver ou desmoralizar as direções sindicais vitoriosas ou frustadas e mesmo comissões de reivindicações eleitas pela massa. Pois esses entendimentos se processam longe das vistas e do controle dos trabalhadores, sem que eles sejam convocados para a luta, sem que se reúnam reuniões e assembléias sindicais para discutir cada proposta e cada atitude, sem que se organizem nas empresas comissões de luta.

Negociatas e Exploração No Loide Brasileiro

Na Ilha do Mocanguê material no vo vendido como ferro velho e latões de carbureto jogados ao mar para a compra do carbureto americano — Lemos Bastos executa o plano lanque de liquidação do Loide para entrega da cabotagem aos navios estrangeiros — Denúncia dos trabalhadores da orla marítima à Câmara dos Deputados

▲ O CONSTITUIR seu ministério Getúlio nomeou o almirante Lemos Bastos para diretor do Loide Brasileiro e presidente da Comissão de Marinha Mercante. Esta nomeação, por si só, já era um escândalo e uma afronta aos trabalhadores. Lemos Bastos, antigo ministro do Tribunal de Segurança do Estado Novo, que condenou a vários anos de prisão dezenas de operários e anti-fascistas, era a pessoa menos indicada para o cargo. Lemos Bastos é acionista e diretor da empresa de navegação «Frota Carioca». Como presidente da Comissão de Marinha Mercante decide sobre a concessão ou não concessão do aumento das tarifas às empresas de navegação — entre as quais se inclui sua própria empresa; tem de decidir também sobre os salários dos marítimos, isto é, sobre os salários dos próprios trabalhadores que explora como diretor da Frota Carioca.

Outra atitude não poderia ter este homem de confiança de Getúlio à frente do Loide que a de proteger, de um lado, negociatas e aumento de tarifas das empresas de navegação e, de outro lado, negar as reivindicações pleiteadas pelos marítimos.

MILITARIZAÇÃO DO LOYDE

Mas Lemos Bastos não defende apenas os interesses da «Frota Carioca». Executa, no Loide e na Comissão de Marinha Mercante os planos de guerra e colonização dos patrões lanques de Getúlio.

Para isto, sua primeira iniciativa foi militarizar o Loide. Nas chefias dos diversos departamentos da empresa foram colocados oficiais em serviço ativo da Marinha de Guerra.

Estes cargos eram ocupados anteriormente por funcionários dos quadros da própria empresa. Esta militarização do Loide visa unicamente fins de guerra, pois a parte técnica e comercial

da empresa se encontra completamente abandonada.

ROUBALHEIRA

Neste ambiente de preparação guerreira crescem no Loide as roubalheiras e negociatas dos apaniguados de Lemos Bastos.

No dia 14 de julho, por exemplo, os operários da Ilha de Mocanguê apreenderam uma chata «C.B.U.M. — 1» carregada de ferro novo. Este carregamento iria ser vendido como «ferro velho» pelo diretor da Ilha, um integralista, homem de confiança de Lemos Bastos. Vários carregamentos de material da Ilha, novo, foram vendidos a preço de ferro velho à firma «Hime e Cia.»

Diante do escândalo, que repercutiu na imprensa, Lemos Bastos nomeou uma comissão de inquérito. Mas a comissão foi apenas para dar uma satisfação ao público. Enquanto a comissão procura apagar o escândalo, escondendo os fatos e encobrindo os culpados, o secretário-geral do Loide, capitão de corveta Paquet, comparece à Ilha de Mocanguê ameaçando de suspensão os operários que haviam apreendido o roubo.

Existe na ilha uma usina de Acetileno, que produz gás para os maçaricos utilizando carbureto nacional. Existia ali uma grande quantidade de carbureto nacional em estoque. Pois, para realizarem uma grossa negociata com os americanos, os responsáveis mandaram furar os latões e jogá-los ao mar, a fim de receberem uma grande quantidade de carbureto dos Estados Unidos.

PLANO LANQUE CONTRA O LOYDE

Lemos Bastos segue no Loide uma política de esfacelamento da empresa a fim de entregar a cabotagem aos navios estrangeiros, especialmente norte-americanos. Ultimamente fretou navios estrangeiros, como o «Veras» e o «Olga», pagando uma taxa de arrendamento exorbitante — cerca de dois mil dólares diários, fora o com-

bastível, despesas portuárias, etc. — deixando de fazer reparos ligeiros no nosso navio frigorífico «Golias Loyde» e em dois outros que se encontram encostados na Ilha de Mocanguê.

Com uma parcela mínima do que se gasta no arrendamento dos navios estrangeiros, esses navios do Loide poderiam ser postos rapidamente em atividade.

DENÚNCIA DO CONSELHO DA ORLA MARÍTIMA

Esses fatos foram denunciados ao Parlamento pelo Conselho dos Trabalhadores da Orla Marítima, em memorial entregue na Câmara dos Deputados.

Ao fazer essas graves denúncias, o Conselho mostra a necessidade dos marítimos exigirem resolutamente aumento de salários para fazer frente à carestia da vida. Mas este aumento não virá por decisão da Comissão de Marinha Mercante, que se diz incompetente para autorizar o aumento, mas se acha competente para elevar as passagens da Frota Carioca e da Cantareira. O aumento dos marítimos só virá com a união e a luta dos próprios marítimos.

Para reforçar esta união e melhor realizar esta luta o Conselho chama os marítimos à luta pela libertação de seus sindicatos, para transformá-los em órgãos de apoio às suas lutas e reivindicações.

Mas a situação continua de opressão e desconforto em que vivem os marítimos, os baixos salários que têm, são determinados de modo particular pela política de guerra e submissão ao imperialismo lanque seguida pelo governo e aplicada no Loide. Por isso o Conselho da Orla Marítima conclama os marítimos à luta contra a dominação imperialista e contra a guerra contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia ou outra qualquer parte fora do Brasil e pelo imediato regresso dos nossos marujos que se encontram nos Estados Unidos

ocupação e a interferência do Ministério do Trabalho que travam o movimento dos patrões. Como a justiça do trabalho, o Ministério vem exclusivamente em defesa dos interesses dos patrões.

Torna-se necessário, por isso, denunciar essa manobra do Ministério do Trabalho com firmeza e energia e repelir os trabalhadores a exigir, em todas as fases, aos encanamentos serem fechados e que qualquer medida que se tome e que esteja prevista anteriormente a discussão por suas assembléias.

Que nenhuma resolução seja tomada em conversações de que participem os agentes do Ministério do Trabalho e longe das massas, tanto nos sindicatos como nas empresas. A luta pelo aumento de salários e contra a carestia da vida só poderá ser vitoriosa com a maior e mais ampla participação direta dos próprios trabalhadores.

Unidade Na luta dos Bancários

Continua sem solução o aumento de salários pleiteado pelos bancários de todo o país. Os banqueiros mostram-se intransigentes. O Ministério do Trabalho manobra para quebrar a unidade dos bancários e dar, assim, possibilidade aos banqueiros de derrotar nesta luta a numerosa corporação.

Simultaneamente, os banqueiros e o governo de Getúlio lançam mão do terror e da violência para quebrar o espírito de luta de milhares de trabalhadores dos Bancos. Em São Paulo, a polícia dissolveu a tiros o comício dos bancários e no Distrito Federal o «tubarão» Ricardo Jaffet realizou uma série de transferências mesquinhas de todos os funcionários do Banco do Brasil que se vinham destacando na luta pelo aumento.

Mas, essas violências e perseguições outra coisa não demonstram do que a insegurança do Ministério do Trabalho e dos banqueiros quanto ao êxito de suas manobras infames. A maioria esmagadora dos bancários, inclusive 30 sindicatos, rejeitam suas manobras e exigem a aprovação da tabela de aumento apresentada pelo Sindicato de São Paulo. A traição dos pelégos do Sindicato dos Bancários do D.F., que aceitou, sem consulta à massa, a proposta patronal do ridículo aumento de 20%, não foi suficiente para romper a frente única dos bancários. A verdade é que os bancários cariocas estão também solidários com seus colegas dos Estados e querem a aprovação da tabela proposta pelo Sindicato dos Bancários de São Paulo.

Para a vitória da justa causa dos bancários, os bancários cariocas têm uma grande responsabilidade: a de consolidar a frente de combate que os banqueiros e o Ministério do Trabalho tentaram romper com a tática do «pelégo» Cezário. Organizando-se em comissões nos Bancos e torçando a realização de assembléias no Sindicato para a discussão da luta pelo aumento, os bancários cariocas poderão levar à vitória, ombro a ombro com os colegas dos Estados, a justa batalha que sustentam.

Novas Greves Camponesas Pelas Férias em São Paulo

"Não podemos colher café a 6.00 e queremos o pagamento das férias" — responderam os colonos e camaradas da Fazenda Santa Antonieta aos arreganhos da polícia

No interior paulista voltou-se o movimento camponês e os protestos pelo pagamento das férias. É grande o número de municípios em que os camponeses, unidos em torno dessa reivindicação, estão dispostos à luta, até a greve para forçar os fazendeiros e a justiça de classe a reconhecer na prática o seu direito. Em várias fazendas os camponeses ligam a essa luta a exigência no sentido do aumento das colheitas.

UNIÃO É A VITÓRIA
Em Valparaíso, por exemplo, na Fazenda Santa Antonieta, em fins de junho entraram em greve 110 famílias de colonos. Esta fazenda tem 80.000 pés de café. Os contratos são de 2 mil cruzeiros por mil pés. As diárias dos colonos são de 20 cruzeiros e as das camaradas 25. Uma miséria. Por sacco de café cobido, 6 cruzeiros.

Descontentes com a insuperável situação, os camponeses foram à greve. O administrador da fazenda, acompanhado com a polícia, fez com que o delegado intimasse sete colonos a comparecerem a polícia. Mas aconteceu o que eles não esperavam, 10 colonos, lotando um caminhão, rumaram para

DISCUTEM SEUS PROBLEMAS OS CAMPONESES DE GETULINA

Dirigida pelo Dr. Walter Campaio, realizou-se em Getulina, no jardim da igreja, uma conferência-debato para que os camponeses discutissem seus problemas, principalmente o do pagamento das férias.

A massa estava tão interessada que o Delegado local foi obrigado a permitir o ato. Compareceram uns 70 camponeses. Só o Etevíno, antigo cambista da cidade que hoje se diz chefe político, ficou desesperado. Esse Etevíno, a serviço dos latifundistas, telefonou para a Delegacia Regional de Bauru pedindo reforços policiais para dissolver a conferência.

Pode estar certo, porém, que todos os trabalhadores do campo o consideram como inimigo. Os camponeses sabem que na China também era assim, davam ordens os criados dos patrões feudais, mas com a união da classe operária e camponesa esses jagunços do tipo Etevíno foram derrotados.

Os camponeses brasileiros compreendem que devem seguir o exemplo do povo chinês, que expulsou os imperialistas americanos acabou com o domínio dos exploradores dos camponeses sem terra.

José Andrade
(Getulina - S. Paulo)

a Delegacia. O delegado perguntou quem eram os cabeças. Os camponeses responderam: «Somos todos. Não podemos colher café a 6,00 e queremos o pagamento das férias».

AS LUTAS NA ALTA PAULISTA

Enquanto se desenvolvem as lutas pelo pagamento das férias ocorrem na Alta Paulista ações dos camponeses pela baixa do



O Delegado recuou e não fez as prisões. Da Polícia, os colonos foram ao Departamento do Trabalho reclamar as férias. A greve durou um dia e o movimento continua para o recebimento imediato das férias.

EM PIRAJUTÍ, LINS E GETULINA

Iguais ao movimento da Fazenda Santa Antonieta, mas tendo entretanto conquistado logo as férias, ocorrem muitos outros protestos e greves em outros municípios.

Em Pirajutí, na Fazenda Bela Vista, 150 famílias de colonos foram à greve duas vezes. Devido à união e firmeza dos camponeses, o fazendeiro foi forçado a pagar e os colonos só voltaram ao trabalho com a vitória.

Em Lins, assim como em Getulina, devido à pressão da massa camponesa, os juizes deram sentença favorável aos camponeses. Estes começam a compreender que só a luta direta contra os patrões resolverá sua situação, pois a sentença do juiz apenas pouco vale. Na Fazenda 20 de Maio, no primeiro desses municípios, os camponeses defenderam seu direito às férias com tal energia que o «tatuira» Joaquim Barbosa viu-se forçado a entrar em acordo para o pagamento.

arrendamento por melhores preços para a produção, pela entrega das escrituras de suas terras, etc.

Na Fazenda Jacutinga, espólio da família Lara Campos, o arrendamento que era de mil cruzeiros foi aumentado para dois mil. Os camponeses se recusaram a aceitar o roubo e foram ameaçados de expulsão. Diante disto, os arrendatários se dirigiram a pé e a cavalo para a cidade, a fim de protestar contra as violências da administração. 150 camponeses tomaram parte nessa demonstração.

Lutas pela baixa de arrendamento também se desenvolvem em Novo Cravinhos, na Fazenda Santa Amélia, em Quintana, na Fazenda Coroados, em Osvaldo Cruz, de propriedade do latifundista terrorista Max Wirth, e em Marília, Garcia, Galia e Duartina.

Diante das informações falsas fornecidas pelos juizes de direito e pelo Departamento do Trabalho, os camponeses que se mobilizam em torno da reivindicação das férias compreendem e declaram que só lutando organizadamente dentro das fazendas é que será possível forçar os fazendeiros a pagarem as férias, pois as autoridades estão sempre a favor dos fazendeiros.



FORAM À GREVE OS OPERÁRIOS DA "DE VITO"

Os operários da fábrica de ladrilhos «De Vito» em São Paulo, procuraram o patrão para solicitar um aumento de 30 por cento nos atuais salários. Como o patrão se recusasse a atendê-los resolveram declarar-se em greve. O momento foi não justo que a eles aderiram o mestre, o contra-mestre e o rapaz do escritório.

De Vito tem uma renda mensal de cerca de 250 mil cruzeiros e paga a seus 14 operários na média de mil e oitocentos cruzeiros, o que dá um total de 25 mil e 200 cruzeiros. Fazendo uma hipótese que seu lucro seja somente de 75 mil cruzeiros, descontados os salários da folha de pagamento, ainda lhe resta 50 mil cruzeiros. Assim, De Vito, sozinho ganha duas vezes mais que todos os seus operários juntos.

Os operários reunidos foram à sede de sua Associação, a A. B. O. I., da qual todos são sócios, e ao estudarem a situação criada constatando que é grande o aumento do custo de vida que os ladrilhos subiram de preço várias vezes e que o lucro do patrão é enorme, resolveram pedir:

- Aumento de 50 por cento nos atuais salários (tabela) a vigorar a partir de 1º de julho de 51.
- Não haver perseguição ou demissão a quem quer que seja sob condição de nova e imediata paralisação.
- Não haver descontos nos dias da greve e no caso de dispensa com indenização só se o interessado concordar.
- No caso de violência, responsabilizar o patrão.

Os operários resolveram ingressar no Sindicato da Construção Civil a fim de lutarem por melhores salários e pela paz dentro do Sindicato. Eles sabem que em tempo de guerra pioram as condições e sobrevivem o desemprego para a indústria civil. Por isso já colheram 40 assinaturas para o Pacto de Paz entre as cinco grandes potências.

ANTÔNIO LEMOS
(São Paulo)

Voz dos Campos

REFORMA AGRÁRIA
OU DEFESA DO LATIFÚNDIO

— I —

A reforma agrária — isto é, a divisão dos latifúndios e a entrega das terras aos camponeses trabalhadores — é um problema que está na ordem do dia. Isto, não só porque se torna evidente que é impossível acabar com a miséria das massas camponesas, com a pobreza do país, com a carestia da vida e desenvolver independentemente a indústria nacional sem acabar com o latifúndio e o regime de exploração semi-feudal em que vivem os camponeses e sem, simultaneamente, libertar o Brasil da escravização imperialista. O problema da reforma agrária está na ordem do dia também porque as próprias massas camponesas demonstram, cada vez mais claramente, que já não querem viver como tem vivido até agora, impiedosamente exploradas e brutalizadas pelos grandes senhores de terra.

É diante da luta das massas camponesas que o governo de Getúlio — governo de grandes fazendeiros e capitalistas — se apresenta com promessas de «reforma agrária», anunciando pela boca do tatuira João Cleofas, ministro da Agricultura, uma «reforma agrária permanente».

Uma coisa é a «reforma» por que lutam os camponeses e todos os verdadeiros patriotas e outra coisa é o que Getúlio e os fazendeiros prometem como «reforma agrária». Reforma agrária é o que está no Ponto 4 do Programa do FDLN: entrega imediata das terras dos latifundiários aos camponeses sem terra ou donos de pouca terra, juntamente com os instrumentos de trabalho agrícola e a extinção de todo o sistema de exploração semi-feudal no campo.

E o que Getúlio promete?
A «reforma agrária» de Getúlio-Cleofas compreende: 1) uma política de colonização com a criação de um fundo especial para a compra de terras; 2) financiamento pelo Tesouro ao pequeno agricultor; 3) regulamentação dos arrendamentos de terra.

Assim, Getúlio-Cleofas não querem sequer falar na entrega da terra aos camponeses. Isto é, na entrega das terras de 60 mil latifundiários, que sozinho detêm 80 por cento de área das propriedades rurais, a cerca de 30 milhões de brasileiros que trabalham no campo sem possuir nenhuma terra. A «reforma agrária» de Getúlio não dá um arranhão nesta situação abominável: mantém os latifúndios desse punhado de senhores de terra e mantém sem terras esses 30 milhões de camponeses.

Mesmo que Getúlio quisesse levar à prática suas promessas, e não fazer demagogia, a quanto camponeses sem terra beneficiaria esta «política de criação de núcleos de colonização»?

É o próprio Getúlio quem confessa a bancarrota das finanças públicas. Ao governo falta dinheiro para pagar as dívidas dos Institutos, do Tesouro e do Banco do Brasil que sobem a mais de 15 bilhões de cruzeiros. Os déficits orçamentários acumulados vão além de 9 bilhões. De quanto pode dispor o governo para este fundo de colonização? De verbas tão insignificantes que, anualmente, dariam para entregar terras a menos de uma centena de camponeses.

Na realidade o fundo de colonização será mais um motivo para grossas negociatas dos grandes fazendeiros. Com o dinheiro deste fundo, que outra coisa não é que o dinheiro do próprio povo arrancado através dos impostos, o governo vai adquirir algumas terras abandonadas dos latifundiários pelos preços que eles impõem. E eis o que será o primeiro resultado da «reforma agrária» de Vargas: a entrega do dinheiro do povo aos latifundiários, através de uma farsa contra os camponeses.



VOZ dos LEITORES

AUMENTAM OS TEARES E A EXPLORAÇÃO

Lutam pelas férias os Camponeses das fazendas Sta. Olimpia e Barreiro

INDUSTRIAS de tecidos pernambucanos adquiriram teares automáticos nos Estados Unidos para melhor explorar os operários. Na Fábrica Macaxeira, dos tubarões Benorra de Melo, quem trabalhava com três teares está tomando conta de 18, isto é, dando uma produção 15 vezes maior para o mesmo enquanto tiveram seus salários reduzidos. Quem ganhava 300 cruzeiros semanais com três teares, está ganhando no máximo 330.

Na Fábrica da Torre, do tubarão Batista da Silva, que somente com um tapete para o recente casamento da filha gastou 200 mil cruzeiros, os tecelões estão trabalhando com 40 teares. Dezenas foram demitidos. Na Macaxeira estão para ser despedidos, em consequência disto, 182 operários da primeira turma que pega às 5 horas e larga às 13.30, e 104 da segunda turma, que entra às 13.30.

Do correspondente
(Recife - Pernambuco)

REIVINDICANDO o pagamento das férias, os camponeses das fazendas de Barreiro e Santa Olimpia, no distrito de Guataparã, Ribeirão Preto, dirigiram-se ao administrador, exigindo o pagamento imediato das férias. O administrador respondeu às 18 famílias da fazenda Santa Olimpia: «As férias que eu dou para vocês é castela». E telefonou para Guataparã, chamando a polícia. De Ribeirão Preto seguiu o «tira» Barbanti, delegado regional, celerado conhecido. Lá chegando, o «tira» começou suas provocações contra os camponeses: «Vocês estão sendo influenciados pelos comunistas, colhendo assinaturas pela paz e querendo férias. Vocês não têm direito a isto. O dr. Getúlio não deu esse direito aos trabalhadores da roça e não adianta fazerem desordem que eu desço o pau».

Mas os camponeses das fazendas Barreiro e Santa Olimpia não dormem de botina. Já haviam formado uma comissão que fora a Ribeirão Preto tratar dos seus interesses. E responderam ao pé da letra: «As férias são um direito nosso. Nós fomos ao Departamento em Ribeirão Preto e eles confirmaram. E isso não é desordem».

Vendo-se de mascarado, Barbanti e os patrões agora tentaram desviar a luta dos camponeses, primeiro dizendo que o governo ia mandar um fiscal pagar de fazenda em fazenda, e depois inventando que os camponeses estavam roubando café na fazenda e vendendo aos ferroviários de Guataparã.

Visava com isso a polícia amedrontar os camponeses e ferroviários e desviar os primeiros da sua luta pelas férias e os segundos da sua reivindicação pela encampação da Companhia Mogiana e consequente equipara-

ção dos salários a Sorocabana.

O que está notando é que unem os camponeses das fazendas Barreira e Santa Olimpia e forjam uma aliança com os seus irmãos ferroviários, na luta pela paz e por suas reivindicações. Nas fazendas Santa Olimpia e Barreiro já foram colhidas 139 assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz entre as 5

Ribeirão Preto - 1951.
J. CANARIO



O Jôgo do Bicho em S. Paulo

OS DEFENSORES da civilização cristã em São Paulo estão indecisos para resolver o problema do jogo de bicho.

Os carconidos dirigentes do Estado, escravos do imperialismo de dólar e puxa-sacos de Getúlio, estão entre duas negociações: não sabem se aceitam os 100 milhões dos banqueiros para LEGALIZAR o jogo de bicho ou se

pegam os 150 milhões dos donos das corridas de cavalos para considerá-lo CONTRAVENÇÃO.

Assim agem os homens que governam o Estado de São Paulo.

Enquanto isso, milhares de chefes de família que trabalhavam no jogo de bicho estão passando fome.

(São Paulo - Capital)

PERSEGUIÇÃO FASCISTA EM ANGRA DOS REIS

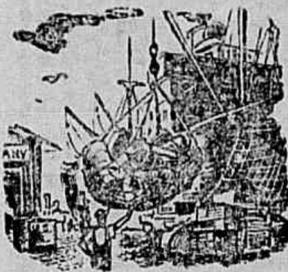
A DIREÇÃO do PSD de Angra dos Reis formada pelos mais destacados exploradores locais, serviais da política entreguista de Getúlio Vargas, que pretende mandar os brasileiros morrerem na defesa dos interesses dos milionários anglo-americanos, persegue a tradicional família Sarmento, integrada por democratas, exigindo que a mesma se mude de cidade.

Por outro lado, além de prenderem e espancaram os patriotas Manoel José Silva e Antonio Guerra, consentiram os reacionários de Angra que um valentão nazista, que fora expulso a pedradas pelo povo durante a última guerra, voltasse para a MESBLA S.A., onde dirige o estaleiro da Lactragem, que constrói lanchas.

A «União do Povo de Angra dos Reis» exprimindo o sentimento da maioria democrática da cidade, protestou contra a agressão de que foi vítima o jornalista Alípio Mendes, diretor de «O Angrense», pelo fato de o seu jornal ter criticado o Juiz de Direito, que vive ausente da cidade.

Em meio da agressão, o Juiz e os seus capangas do PSD tiveram que fugir porque o povo queria castigá-los.

Francisco Sales
(Angra dos Reis)



Na Cooperativa dos Funcionários Paulistas

NA COOPERATIVA de Consumo dos Funcionários Públicos do Estado de S. Paulo o que existe é exploração e não cooperação.

Milhares de pequenos funcionários vivem a reclamar contra a exploração de que são vítimas. Esses esperam até 3 horas no balcão da Cooperativa para conseguir comprar algumas migalhas por preços monstruosos. A prova disso está na relação dos preços comparados do comércio e da cooperativa: Café - um quilo - 30,00 e 333,00; Alcool - um litro - 5,00 e 6,50; Manteiga - lata de 290 g. - 17,00 e 20,00; Mortadela - um quilo - 15,00 e 17,00.

Infim, tudo na Cooperativa é mais caro e sabemos que no comércio há tubarões e na cooperativa não pagam impostos.

Além disso, o pequeno funcionário é tratado com má vontade e desprézo enquanto que para os altos funcionários nada falta.

Mas em quem recar a culpa da situação? No próprio funcionário, que não se organiza e não dá atenção às eleições para a Cooperativa. Na última, foi eleito o Sr. Compasato, sendo que 90% dos votos foram por procuração. Os pequenos funcionários devem se unir e eleger para a direção da cooperativa homens de sua confiança e de sua classe.

Do correspondente
(S. Paulo - Capital)

PATROES "TRABALHISTAS" ROUBAM OS OPERARIOS

HA DOIS ANOS, a metalurgia Rossi, de São Leopoldo, R. G. do Sul, lançou um manifesto «esclarecedor» aos operários que a firma está sendo multada porque não tinha licença para os operários fazerem serão. Por isso, se os operários lixessem um acordo com a firma, declarando que faziam espontaneamente o serão, a firma seria dispensada da multa e a poderia dar um aumento de salário aos operários.

Não possuindo orientação, os operários julgaram que seria a oportunidade de conquistarem um aumento nos seus mínguaos salários e assinaram o tal papel.

Resultado: até hoje seus salários não foram aumentados, mas em compensação quando o operário falta ao serão, que se tornou obrigatório, é suspenso por oito dias, como foi o caso do operário Manuel Rodrigues e de mais sete companheiros do trabalho.

Com essas suspensões ficam paradas as máquinas em que os operários atirados pela medida arbitrária trabalham, prejudicando outros trabalhadores da seção que, em consequência, também ficam sem trabalho.

É importante lembrar que a Metalurgia Rossi tem como consultor jurídico socio e cenro do velho tubarão Rossi, o deputado federal «trabalhista» Paulo Couto, que tudo faz no momento para colocar na Prefeitura da cidade um seu cunhado, também «trabalhista» e diretor da empresa, elemento odiado pelos operários.

A. DUARTE.
(São Leopoldo - R. do Sul).

FUNDADA A UNIÃO DOS FERROVIÁRIOS DA SOROCABANA

EM SOROCABA foi fundada a União dos Ferroviários da Sorocabana, tendo sido eleita a seguinte diretoria:

Presidente - João Batista Domeng (Botucatú)

Vice-pre. - Guerino F. dos Santos (Sorocabá)

1º Secretário - Sebastião A. Pinto (Itapetiningá)

2º Secretário - Mario Godoi (Botucatú)

1º tesoureiro - João Dardivo (Botucatú)

2º tesoureiro - José Mazzucato (Barra Funda - São Paulo)

A instalação compareceram autoridades locais, inclusive o Presidente da Câmara Municipal. O deputado Roberto Morena falou aos ferroviários concitando-os à união e à luta.

OSCAR RODRIGUES
(Botucatú)

ORFÃOS, VIUVAS E LÁGRIMAS OS RESULTADOS DAS GUERRAS

VERIFIQUEI como assíduo leitor deste semanário quanto tem sido ele útil, concitando os trabalhadores à luta por seus interesses e ensinando-lhes como travar essa luta.

O trabalho publicado nessa folha, no número de 7 de julho, sobre a luta a carestia despertou-me grande interesse. É evidente que através da leitura de vários jornais se pode também compreender a razão do chamado «êxodo rural». São os trabalhadores do campo que procuram nos grandes centros comerciais e industriais uma maneira de viver melhor, o que é muito justo.

Mas enquanto continua e aumenta a falta de braços em muitas propriedades agrícolas, motivada pelo fato dos trabalhadores rurais não poderem viver nas roças devido aos contratos de trabalho muito inferiores às suas necessidades, em confronto verifica-se nas cidades caso análogo. Porque centenas de milhares sentem a verdade de que «milhões morrem para enriquecer alguns».

Penso que a disparidade enorme existente entre as pessoas na atual sociedade

e o parasitismo resultante do trabalho se torna fonte de renda somente dos que o exploram, sob formas de produzir crises.

Se anteriormente nosso país é sub-habitado, entre outros motivos também contribuirá desfavoravelmente para nossa Pátria a ida de tropas nossas para a Coréia, pois somente viria produzir orfãos, viúvas e lágrimas.

Profissionalmente sou pin-

tor e muito tenho viajado e observado. Já concluir que são os usurários, e todos os que vivem da exploração do homem pelo homem, os mais contrários à política social emancipadora da classe operária, são os que mais perdidamente perseguem e caluniam o Cavaleiro da Esperança, Luiz Carlos Prestes.

JOAO MACHADO DE MORAIS
(São João de Bela Vista - São Paulo)

PREFEITO - PROMESSA

Os servidores diaristas da Prefeitura Municipal do Recife iniciaram um movimento para que lhes fossem fornecidos macacões e refeições. Há dois meses, organizaram uma comissão de 60 servidores para se entender com o Prefeito sobre as suas reivindicações. Este prometeu mandar confeccionar os macacões e fornecer as refeições a todos.

Até hoje, porém, os macacões não chegaram aos seus destinatários e apenas 45 trabalhadores foram autorizados a fazer suas refeições no refeitório do Almoarifada.

Os servidores devem desmascarar esse Prefeito que não cumpre as promessas que faz.

J. Alves
(Recife - Pernambuco)



MAIS UM PLANO DE VARGAS:

Entrega do Carvão Nacional Ao Bando de Rockefeller

Desde que a missão Merwin B. Han se instalou no Ministério da Fazenda, onde ocupa 20 salas e até o gabinete do tubarão Houácio Lafer, o tirano Vargas começou a produzir planos econômicos. Enquanto não é aprovado pelo Light o anúncio «plano da energia elétrica», entra em circulação, como plano de amostra, o plano do carvão.

MONOPOLIO PARA OS IANQUES

O projeto de lei enviado ao Congresso orça o custo das despesas do plano, inclusive o financiamento de empresas privadas, em 735 milhões de cruzeiros. Esse dinheiro será consumido num prazo de cinco anos. Vejamos de onde sairá o dinheiro e como, com que fins será empregado.

O projeto do Catete auto-

LEITURA para o povo

A Editorial Vitória editou e está distribuindo o informe apresentado pelo Conselho de Estatística e da Comissão do Plano do Estado Soviético sobre os resultados do plano quinquenal stalinista de após-guerra (o IV Plano quinquenal soviético).

Este folheto que merece leitura atenta de todos os que desejam conhecer as realizações do regime socialista soviético, fornece-nos uma visão real e segura dos dois sistemas econômico-sociais que se defrontam nos nossos dias: o sistema socialista e o sistema capitalista.

Mostrando o desenvolvimento impetuoso da produção industrial e agrícola da URSS, que ultrapassou largamente as próprias previsões do IV Plano Quinquenal (previsões que, quando foram apresentadas há cinco anos a imprensa capitalista qualificou de «ambiciosas»), o informe mostra, ao mesmo tempo as repercussões imediatas desses êxitos da produção socialista no nível de vida das massas: os preços sofreram quatro baixas consecutivas reduzindo o custo da vida em mais de 60%, enquanto o valor dos salários e ordenados e das rendas dos camponeses se elevaram em mais de 60%. As despesas com assistência social, construção de habitações, escolas, difusão da cultura e da arte, etc., foram duas vezes maiores do que antes de plano, ao mesmo tempo que o consumo da população sobiu várias vezes. Esta realidade da vida soviética, que se orienta de acordo com uma política inalterável de defesa da paz, contrasta com a situação em todo o mundo capitalista, onde são cada vez mais penosas as condições de vida das massas populares, lançadas à ruína e a fome pela exploração capitalista e pelas tremendas despesas de uma política de guerra e desarmado armamentista que pesa sobre os seus ombros.

riza a realização de um empréstimo externo de 20 milhões de dólares. Isto quer dizer que os banqueiros americanos, por exemplo, o Chase Bank de Rockefeller, ao câmbio oficial, vão entrar de sócios com 370 milhões de cruzeiros. Dessa forma, financiando o plano em mais de 50% os americanos obtêm pela mão de Vargas uma «sociedade mista» ideal, em que podem governar de maneira incontrastável. A imprensa de Chatô felicita o plano porque ele vai financiar empresas privadas sem tomar conta do carvão.

Dizemos que o financiador será Rockefeller porque esse magnata americano já está de garras cravadas no nosso carvão. Pelo menos dois diretores do Banco Português, Temístocles Marcondes Ferreira e Alberto de Faria Filho, são diretores da Cia. Carbonífera do Butiá (que faz parte do Cadem, Consórcio Administrativo das Empresas de Mineração), em São Jerônimo, Rio Grande do Sul. Ora, o Banco Português não é mais do que um subsidiário do Chase Bank, como se pode ver pela organização da empresa de investimentos de Rockefeller no Rio e São Paulo. Além disso, o Banco Português está ligado à Standard Oil através do grupo Soares Sampaio (Refinaria União, Petroleo) do qual faz parte.

Através desse projeto de Getúlio, Rockefeller está exigindo a organização monopolista de toda a indústria carbonífera do sul do país. Ele exige, por exemplo, que as 26 empresas carboníferas de Cresciuma, Tubarão e Araranguá, em Santa Catarina, se coordenem nos moldes do monopólio Cadem, no Rio Grande do Sul. Isso é uma proposta ao tubarão paulista Matarazzo, que já está instalado em Cresciuma. Os argumentos de Rockefeller são os seguintes:

a) os produtores independentes não poderão resistir porque o total dos financiamentos é muito superior ao próprio capital das companhias interessadas. Não se pode admitir discussões «estéreis» sobre a «livre iniciativa» de cada uma dessas empresas que não têm expressão econômica, quanto mais financeira. Esse argumento que joga por terra a célebre teoria «livre empresa» é defendido pelo «Diário de S. Paulo» de 15-7-51.

b) muitas dessas companhias nem sequer têm engenheiros e empregam o trabalho de mulheres e devem, portanto mostrar-se gratas à «generosidade» do governo. É a reprodução clássica do processo de absorção dos produtores independentes, menores, pelos grandes trusts. O monopólio ianque do carvão nacional aparece assim como objetivo do «plano do carvão». Mais um ato de entreguismo.

NADA DE CONCORRÊNCIA AO ESTRANGEIRO

O projetado aumento da produção carbonífera não vai além de certos limites. O máximo de 4 milhões de toneladas, o que, não é e sufi-

ciente para cobrir o consumo interno. De qualquer forma, todo o norte de Vitória para cima fica destinado, como mercado privativo, ao carvão estrangeiro, devendo cessar a obrigação dos consumidores adquirirem pelo menos 20% de carvão nacional, em todo o país.

DESEMPREGO

Já vemos que se trata de uma produção controlada por um regime monopolista, uma produção que não poderá ir além de uma quota máxima e que deve deixar uma margem para os exportadores imperialistas. A introdução de processos mecânicos na extração não é, nem se poderia esperar que fosse, para melhorar a situação dos mineiros, das mulheres que eles agora confessam empregar no duro trabalho das galerias subterrâneas. Trata-se de diminuir o custo da produção. Agitando o fantasma da extração mecânica, do progresso técnico, os sanguessugas colocam os trabalhadores no seguinte dilema: ou uma redução de salários ou o desemprego. Os planos de Rockefeller são de reduzir o custo do carvão na bo-

ISAAC AKCELROUD

ca da mina de 150 para 100 cruzeiros a tonelada. Pois é claro que o novo Cadem, como faz o seu modelo no Rio Grande do Sul, não vai empatar dinheiro em máquinas quando ele pode obter mais produção com processos primitivos de trabalho, escravizando maior número de operários e pagando salários de fome.

Enquanto isso, Vargas no seu «plano» oferece 180 milhões às empresas que quiserem mecanizar a extração e mais de 30 milhões se quiserem criar serviços sociais, isto é, deixa o assunto ao critério dos patrões e assim concretiza a ameaça de desemprego. Na realidade, se trata de um total de 270 milhões dos 735 da verba pedida, dinheiro que sairá dos impostos pagos pelo povo e que é oferecido a pretexto de «assistência social» para facilitar a organização do monopólio sob controle americano.

PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

Os desvelos do governo de traição nacional de Vargas litarização de nossa economia. Os incendiários de guerra imperialistas estão preci-

sando de mais e mais carvão para sua indústria de guerra. O carvão pode ser substituído pelos combustíveis líquidos nos transportes. Mas é matéria prima básica para a siderurgia, isto é, para a indústria armamentista. O carvão é considerado pelos economistas da guerra como um dos «problemas-chave». Por isso, eles consentem e promovem um aumento limitado da produção nacional de carvão, para suprir as indústrias subsidiárias que aqui instalam (e o caso das metalúrgicas Jaffet, subsidiárias da United States Steel) e das ferrovias que destinam ao transporte dos minérios que nos roubam. E é claro que não perdem a oportunidade de ficar donos das nossas jazidas, de assumir o controle da frota carvoeira e de enviar um ultimatum à empresa concessionária do porto de Imbituba: desapropriação ou realização de certas obras.

A mensagem de Vargas exprime esses objetivos guerreiros, ao dizer que «os sucessos internacionais, (isto é a corrida armamentista) fazem cessar nossas fontes externas de abastecimentos.

É claro que o desmascaramento dessa nova manobra entreguista deve se apoiar acima de tudo na luta vigorosa e imediata dos mineiros, homens e mulheres, por aumento de salário, por condições mais humanas de trabalho, contra o desemprego, por crèches e refeitórios. É na luta dos mineiros que as forças patrióticas poderão e deverão se apoiar para expulsar os assaltantes da riqueza nacional.

MAIS AÇÃO E VIGILANCIA

(Conclusão da 1.ª página)

E agora, depois de entregue o «Barroso» à Marinha brasileira e de ser posto em serviço ativo, que acontece? Regressam seus tripulantes ao Brasil? Não! Seguem para a base naval do Norfolk, na Inglaterra, que se encontra sob a ocupação norte-americana, para continuar de forma intensiva o treinamento de guerra. São claros os planos para transferir dali os nossos marujos para as operações de guerra na Coreia.

Getúlio prossegue, assim, na sua política aberta e cínica de venda do sangue de nosso povo nos braços imperialistas. Que ninguém se deixe enganar! Truman exige tropas brasileiras na Coreia e Getúlio prepara-se para enviá-las.

Este é um momento em que se exige de todos os brasileiros mais ação e vigilância em defesa da paz e da vida de nossos filhos e irmãos. Não se pode cruzar os braços. Não se pode assistir passivamente às criminosas manobras de Getúlio. É preciso lutar, protestar, exigir que nenhum soldado ou marinheiro do Brasil vá parar nos túmulos da Coreia, que o Brasil tenha uma política de paz e de defesa

PELO ARMISTÍCIO NA COREIA...

(Conclusão da 1.ª página)

nacionais por meio da força. A iniciativa para pôr fim às operações militares foi acolhida pelos povos com grande esperança. Mas os acontecimentos provam que é indispensável a vigilância dos povos, para que vença o espírito de negociação e se chegue ao armistício.

A resolução do Biró ainda mostra que a situação internacional se complicou consideravelmente. Acelera-se cada vez mais a corrida armamentista. A conferência dos suplentes de Ministros das Relações Exteriores foi interrompida contra a vontade dos povos. Procura-se consertar com o Japão um tratado em separado, do qual são eliminados os países diretamente interessados. Prossegue a rearmamentização da Alemanha e do Japão. Aumenta o número de bases militares terrestres, navais e aéreas e fabricam-se cada vez mais armas de extermínio em massa. No Oriente Próximo surgiram conflitos novos, que ameaçam agravar-se e estender-se.

Os Partidários da Paz no Brasil apoiam todas as medidas e esforços encaminhados à obtenção do armistício na Coreia.

O Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz conclama a todos os brasileiros, a todas as organizações, enfim, à opinião pública, a apoiar os esforços desenvolvidos para a rápida consecução do armistício.

de sua soberania e independência e não uma política de guerra e traição nacional, a serviço dos agressores ianques.

Contra o envio de soldados brasileiros para a Coreia, exijamos agora, participando das manifestações do dia 28 e regresso imediato ao Brasil das tripulações do «Barroso» e do «Tamandaré». Exijamos que voltem aos Estados Unidos, os soldados de Truman que humilham nossas forças armadas, colocando-as como apêndice do Exército norte-americano e preparando-as como carne de canhão para a agressão imperialista.

Contra a ameaça de mergulhar todo o nosso povo no inferno de uma guerra atômica mundial, exijamos a conclusão de um Pacto de Paz entre as cinco grandes potências, coletando milhões de novas assinaturas ao Apelo do Comitê Mundial dos Partidários da Paz.

Nas fábricas e nas fazendas, nos navios e nos quartéis lutemos concretamente pela paz recusando-nos, por todos os meios, desde os protestos através de memoriais e manifestações de rua até as greves, trabalhar para guerra e para os imperialistas que saqueiam e oprimem nosso povo.

O povo brasileiro, que por mais de uma vez tem dado sobejas provas de desejar a solução pacífica do problema coreano, vê pesar sobre si a ameaça de ter de participar desta guerra, com a remessa para o campo de batalha de um contingente de forças armadas. Por isso conclamamos a que se juntem todas as vozes para impedir que tão criminoso objetivo seja atingido. Em especial conclamamos a que se unam todos, homens, mulheres, jovens, pais, mães, esposas, noivas, para lutar pela volta dos marinheiros brasileiros que se encontram nos Estados Unidos.

A pressão da opinião pública permitirá vencer as dificuldades e romper com a resistência.

O armistício na Coreia, primeira etapa da batalha pela Paz, possibilitaria o estabelecimento de negociações mais amplias, que conduziriam a um acordo entre as cinco grandes potências, aberto a todos os Estados.

O Pacto de Paz Entre as 5 Grandes Potências permitirá afastar o perigo imediato de guerra e edificar uma paz duradoura.

O Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz encoraja a que todos unam suas vontades de Paz, apesar de tudo que os possa separar, e apoiando o Apelo por Um Pacto de Paz, evitem a guerra salvadora, assim, a causa da Paz mundial.



EE. UU.

O canibal ianque William Morrow Fochteer, almirante da Marinha dos Estados Unidos, falando a bordo do porta-aviões «Franklin Roosevelt» declarou que «a frota atlântica dos Estados Unidos está pronta para a guerra».

URUGUAI

Declararam-se em greve, reivindicando aumento de salários, os motoristas de Montevideu. O movimento estendeu-se rapidamente às outras cidades do país, que ficou com todos os seus transportes urbanos paralisados. O Sindicato Autônomo dos Trabalhadores de Ônibus solidarizou-se com União Geral dos Trabalhadores, que dirige o movimento.

CHILE

Os bancários chilenos realizaram uma greve geral de solidariedade aos seus colegas do Banco de Londres, que haviam paralisado o trabalho reivindicando aumento de salários.

ARGENTINA

O Conselho Argentino da Paz enviou um carta ao representante da URSS na ONU, Sr. Jacob Malik, saudando a proposta soviética para a solução pacífica do conflito coreano. O Conselho Argentino dos Partidários da Paz assinala que os partidários da Paz na Argentina intensificarão a luta por essa solução e que se acham dispostos a recolher 3 milhões de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz entre as 5 grandes potências.

GUATEMALA

Os empregados dos tribunais de Justiça da Guatemala declararam-se em greve reivindicando aumento de salários.

PARA SE INFORMAR PARA CONHECER OS FATOS OUÇA A RADIO DE MOSCOU

emissões em português PARA O BRASIL HORAS 20,30 a 21,00

19,45	15.440	quintoseis
20,08	11.999	»
20,30	11.999	»
20,47	11.780	»
20,52	11.758	»
20,56	9.790	»
20,77	8.800	»

O III FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE Uma Clara Advertência Aos Provocadores de Guerra

DOIS MILHÕES de jovens, representando a juventude de 104 países, fizeram este juramento solene:

"TUDO FAREMOS PARA MANTER A PAZ E CONSEGUIR UM FUTURO MAIS FELIZ PARA A JUVENTUDE. ESTAMOS CONVICTOS DE QUE EXISTEM MEIOS PARA IMPEDIR A GUERRA. ESSES MEIOS CONSISTEM NOS ATOS TENDENTES A CONSEGUIR A CONCLUSÃO DE UM PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS. JURAMOS NÃO POUPAR ESFORÇOS A FIM DE CONDUZIR A VITÓRIA À CAMPANHA PARA A CONCLUSÃO DE UM PACTO DE PAZ ENTRE AS CINCO GRANDES POTÊNCIAS."

Com este juramento foi aberto o III Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes — uma expressiva vitória das forças da paz.

UMA CLARA ADVERTÊNCIA

Falando durante o encerramento do Festival, Otto Grotewil, primeiro ministro da Alemanha, declarou: «Esta concentração é uma advertência clara aos traficantes da guerra norte-americanos».

Sim. Trinta mil delegados de 103 países estrangeiros e mais os jovens da Alemanha mostraram, no Festival, que a juventude não dará o seu sangue aos agressores imperialistas. E não o fizeram só em palavras solenes, mas com ações concretas em defesa da paz.

VITÓRIA SOBRE O TERROR NAUQUE

Se os jovens do mundo socialista encontraram de seus governos todo o apoio e facilidades para chegar a Berlim e participar do Festival, o mesmo não acontece com os jovens do mundo capitalista. E sua presença no Festival constitui, justamente, uma prova irrefutável de que a vontade de paz da juventude, em todo o mundo, é muito mais poderosa do que a violência dos incendiários de guerra. Tudo foi empregado pelos imperialistas para impedir que os jovens dos países capitalistas e das colônias se fizessem representar em Berlim: desde a negativa de passaportes até o emprego de tanques e metralhadoras. Patrulhas armadas do Exército Norte-Americano e de seus satélites aloquearam as fronteiras da zona oriental da Alemanha para impedir a chegada de delegações que

JURAMENTO SOLENE EM NOME DOS JOVENS DE 104 PAÍSES REPRESENTADOS NO FESTIVAL DE BERLIM: "TUDO FAREMOS PARA MANTER A PAZ E CONSEGUIR UM FUTURO MAIS FELIZ PARA A JUVENTUDE" — DERROTADO O TERROR NAUQUE PELA INQUEBRANTÁVEL VONTADE DE PAZ DA JUVENTUDE — A DELEGAÇÃO DO BRASIL

Festival. Mas tudo em vão. Da Alemanha Ocidental muitos milhares de jovens chegaram a Berlim, atravessando a fronteira por todos os meios possíveis, inclusive o nada.

Em Salsfeld, junto à fronteira austríaca, jovens austríacos, e ingleses foram atacados por tropas e tanques norte-americanos. Dese jovens, inclusive moças, ficaram gravemente feridos. Mas centenas de jovens da Inglaterra e da Austrália conseguiram

chegar a Berlim e participaram do Festival.

No Sarre, 50 jovens alemães e franceses, que haviam tirado passaportes para viajar para Berlim, foram presos e processados pelo governo fantoche da Alemanha Ocidental. Mas foi numerosíssima a delegação da Alemanha ocidental e da França.

Em toda a Europa ocidental e na América, nas colônias da Ásia e da África, as

(conclui na 11ª pág.)



Dois aspectos do grande encontro da juventude mundial em Berlim: ao alto, jovens búlgaros, com trajes típicos, exibem nas fisionomias mudáveis a alegria e a felicidade que lhes trouxe o regime democrático popular; ao lado, uma jovem búlgara, entre dois jovens brasileiros. Essa confraternização exprime a firme decisão de luta pela paz que tem a juventude em todos os continentes.

REALIZOU-SE A CONFERENCIA DE JURISTAS DEMOCRATAS

Durante os dias 21 e 22 desta semana realizou-se nesta Capital a I Conferência de Juristas Democratas, que contou com a participação de conhecidas personalidades de nossa magistratura, desembargadores, juizes, advogados e professores de direito. A Conferência instalou-se sob a presidência do desembargador Henrique Falbo e contou com a presença de representantes do Distrito Federal e de vários Estados, especialmente de São Paulo, Estado do Rio e Pernambuco. Tomaram parte ativa nos trabalhos, entre outros, os juizes Joffily, Orny Duarte Pereira, Valmar Gonçalves da Fontoura e Margarino Torres.

Os trabalhos do certame foi aberto com a leitura de um trabalho do advogado Juvina Palmeira sobre a responsabilidade dos juristas no problema da segurança internacional dos povos. Nas diversas reuniões foram apresentados outros trabalhos sobre a luta dos juristas democratas em defesa das normas básicas do direito nas relações internacionais. Normas que se devem impor, através da luta pelo respeito aos tratados firmados e do entendimento entre as grandes potências para a solução pacífica dos problemas que surgem em suas relações mútuas.

A Conferência aprovou recomendações no sentido de que os juristas brasileiros contribuam com seus esforços para a convivência pacífica entre as diversas nações, para o respeito aos princípios fundamentais do direito internacional. A Conferência decidiu também organizar o ano dos juristas brasileiros. A Conferência Internacional de Juristas Democratas que se realizará ainda este ano em Berlim.



a batalha da difusão

A MARCHA DA BATALHA

Os números falam tudo. Dizem quem está ganhando e quem está perdendo a Batalha da Difusão. Esta Batalha é muito importante para a VOZ OPERÁRIA. Muita coisa depende desta Batalha e todos aqueles que sabem o que representa o nosso jornal não querem ser derrotados nesta campanha que apenas se inicia.

QUEM ESTÁ GANHANDO?

7 Lagoas (Minas Gerais) — a partir do n.º 112, 100% sobre a cota atual
Araraquara (São Paulo) — a partir do n.º 112, 33% sobre a cota atual
C. Grande (D.F.) aumentou 75% do n.º 117
Alfredo Mizia (D.F.) aumentou mais 5% sobre as 7 vezes anteriores
Jaime Cajá (D.F.) — aumentou mais 10% no n.º 117
Parade de Lucas (D.F.) — aumentou mais 10% no n.º 117

QUEM ESTÁ PERDENDO?

Mirassol (São Paulo) — recebeu 32,5% menos do n.º 117
Salto (São Paulo) — recebeu 23% menos do n.º 117
São Cristóvão (D. Federal) — recebeu menos cerca de 15%
Meva (D. Federal) — recebeu menos 14%
Gavea (D. Federal) — recebeu menos 17%
Vila Isabel (D. Federal) — recebeu menos 20%

Os postos de Light, Portuários, Espinçada, devem revisar suas cotas, examinar seus métodos de trabalho etc., pois se suas possibilidades estão muito além das cotas atuais. Será que estes amigos da VOZ vão se deixar derrotar? Será que vão permitir que a vitória seja de seus inimigos? É o que vemos com a marcha da campanha.



Leonina Batine é o nome da bela operária tecelã lançada pelos hairros paulistas de Vila Alpina e Ipiranga no concurso para Rainha da VOZ OPERÁRIA. E quem negaria a Leonina um voto por uma centena de votos?

A VOZ OPERÁRIA trava neste momento a sua batalha da difusão. É preciso que em tôrno deste empreendimento se unam os esforços de todos os amigos deste semanário, em particular dos seus agentes que, esperamos, de agora em diante se transformarão em ajudistas da VOZ.

Ajudar a VOZ OPERÁRIA, não apenas cumprindo suas tarefas de rotina, mas tomando iniciativas que resultem na coleta de fundos para este jornal, é o que devem fazer os nossos agentes. A atenção dos nossos agentes deve estar voltada para os empreendimentos que sugerirmos.

Mas do mesmo modo nenhuma iniciativa no sentido de ligar a VOZ OPERÁRIA a novos circuitos de leitores, deve ser desprezada. Todas as iniciativas com a finalidade de auxiliar financeiramente a VOZ e consolidar sua difusão são boas. Com esse objetivo, em nosso próximo número, publicaremos o PLANO DE DIFUSÃO QUE FICARÁ EM VIGOR ATÉ 30 DE OUTUBRO. Que os nossos amigos, corajosos, agentes, etc. façam suas críticas ao Plano e nos enviem novas sugestões. Aqui estaremos prontos para colher suas críticas e sugestões com verdadeira espírito de cooperação.

VOZ OPERÁRIA